

Calvinismo e Ciência: Reflexões sobre Fé e Ciência

“A revolução essencial do pensamento científico teve lugar nos séculos XVI e XVII” – R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 13.

“É ocioso falar constantemente da alternativa da razão e da fé. A razão é já de per si uma matéria de fé. É um ato de fé o afirmar que os nossos pensamentos têm qualquer relação com a realidade” – G.K. Chesterton, *Ortodoxia*, 5ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1974, p. 62.

Introdução:

A pergunta sobre fé ou razão (ciência) revela determinada percepção da realidade da qual não partilho. Ela se constitui em uma falsa antinomia que encobre o real problema da pretensão da objetividade científica que nada mais é do que um ateísmo teórico que se manifesta de forma prática nos laboratórios. As ciências empíricas e a teologia são formas diferentes, mas, não excludentes de responder à questões relativas à vida, ao ser, ao conhecimento e à verdade. As nossas respostas são percepções do que nos foi revelado por Deus na natureza, nas Escrituras e definitivamente em Cristo.

Entendemos que a ciência começa sempre por um ato de fé; é impossível haver ciência sem fé. Ela não pode avançar sem fé. O que os cientistas chamam de hipótese é justamente as pressuposições que norteiam a sua pesquisa. Ainda que esta possa mostrar a inviabilidade de seus pressupostos, são estes que determinam a nossa maneira de ver e, portanto, agir no mundo. A ciência não ocorre num vácuo asséptico conceitual quer seja religioso, quer filosófico, quer cultural.¹ A nossa percepção e ação fundamentam-se em nossos pressupostos os quais são reforçados, transformados, lapidados ou abandonados em prol de outros, conforme a nossa percepção dos “fatos”. A questão epistemológica antecede à práxis. Contudo, como nos aprofundar no campo intelectual se abandonamos as questões epistemológicas? As palavras de J.G. Machen (1881-1937) no início do século XX não se tornam ainda mais eloqüentes na atualidade?: “A igreja está hoje perecendo por falta de pensamento, não por excesso do mesmo”.² A fé não é a ciência em si; se ela assim fosse, deixaria de ser simples fé para se plenificar em conhecimento. A fé muda a minha percepção, não a realidade em si. Contudo, o meu olhar e percepção podem contribuir para a mudança do real. Isto só pode ocorrer mediante o trabalho condizente com o que creio. Por outro lado, a ciência não implica necessariamente em fé consequente, contudo, ela mais cedo ou mais tarde nos levará a crer subjetivamente no que se mostra objetivamente a nós. Em síntese: o que cremos não muda a realidade, no entanto, podemos crer que a realidade pode ser mudada pela nossa fé o-

¹ Nancy R. Pearcey & Charles B. Thaxton, *A Alma da Ciência*, São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 9-12; 294.

² J.G. Machen, *Cristianismo y Cultura*, Barcelona: Asociación Cultural de Estudios de la Literatura Reformada, 1974, p. 19.

perante: os sonhadores, de certa forma, são os construtores do real. Todavia, a ciência tenderá a produzir fé naqueles que foram confrontados e convencidos por suas evidências.

Há o perigo de nos tornarmos cativos de nossa perspectiva e, portanto, da nossa percepção. Como obviamente não conseguimos ter “todas as visões”, permanecemos, de certo modo, cativos de nossa perspectiva,³ em outros termos: prisioneiro de sua percepção. Nem sempre é fácil submeter os nossos valores ao rigor daquilo que cremos. Como o cientista tem dificuldade em revisitar os seus paradigmas, nós também temos dificuldade em rever a nossa cosmovisão. É muito difícil – talvez por ser doloroso demais –, aplicar e avaliar em nosso próprio sistema as implicações do que sustentamos. Podemos, sem nos darmos conta, nos ferir com as nossas próprias armas, que julgávamos ser bisturis. Aliás, o mal uso do bisturi pode ser fatal, assim como o “fogo amigo” nas guerras. O antidogmatismo pode se constituir num dogma.

A. Kuyper coloca a questão nestes termos: “Toda ciência num certo grau parte da fé, e ao contrário, a fé que não leva à ciência é equivocada ou superstição, mas não é fé real, genuína. Toda ciência pressupõe fé em si, em nossa autoconsciência; pressupõe fé no trabalho acurado de nossos sentidos; pressupõe fé na correção das leis do pensamento; pressupõe fé em algo universal escondido atrás dos fenômenos especiais....”⁴

Começemos por uma definição da palavra. “Ciência”, vem do latim “*scientia*” (conhecimento), derivado de “*sciens*” (o que sabe), traduzindo o grego ἐπιστήμη, que significa “arte”, “habilidade”, “conhecimento”, “ciência”, “saber”, etc. O termo grego por sua vez, é constituído de dois outros: ἐπί (Preposição cujo sentido radical é “sobre”; todavia apresenta vários significados, inclusive o de direção⁵) & ἵστημι (“Estabelecer”, “firmar”, “fixar”). Partindo deste ponto, Cassirer (1874-1945), diz que “o processo científico conduz a um equilíbrio estável, à estabilização e à consolidação do mundo das nossas percepções e pensamentos”.⁶ Platão (427-347 a.C.), dizia ser a ἐπιστήμη, o conhecimento perfeito, se caracterizando por ser teórico e prático, tendo como objeto o ser.⁷ Na sua visão a ἐπιστήμη é a forma mais elevada de conhecimento, sendo resultado de um “encadeamento racional”. No *Mênon*, escreveu:

³ Li por meio de Peter Burke, que Fernand Braudel (1902-1985) gosta de afirmar que o historiador é prisioneiro de suas suposições e mentalidades (Peter Burke, *O Renascimento Italiano: cultura e sociedade na Itália*, São Paulo: Nova Alexandria, 1999, p. 11).

⁴ A. Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 137-138.

⁵ Em palavras compostas, pode ter também o sentido de “descansar em um lugar”, ainda que não exclusivamente (Entre outros, Vd. Liddell & Scott, *Greek-English Lexicon*, Oxford: At The Clarendon Press, 1935).

⁶ Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 326.

⁷ Compare: Platão, *A República*, 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1993), VII, 534 A; *Filebo*, 55 D, 58 E; 62 A-D. Vd. André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1993, “Ciência”, especialmente, p. 154-156; Federico Klimke & Eusebio Colomer, *Historia de la Filosofía*, 3ª ed. (Revisada y Ampliada), Barcelona: Editorial Labor, 1961, p. 51ss.

"E assim, pois, quando as opiniões certas (δόξα) são amarradas, transformam-se em conhecimento, em ciência (ἐπιστήμη), e, como ciência, permanecem estáveis. Por esse motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ciência (ἐπιστήμη) se distingue da opinião certa (δόξα) por seu encadeamento racional".⁸

1) Tipos de Conhecimento:

Entretanto, devemos observar, que nem todo saber é considerado científico, visto haver graus de conhecimento, bem como o conhecimento empírico, fragmentado, que carece de demonstração mas que nem por isso deve ou pode ser desprezado –, e o conhecimento da fé,⁹ que ultrapassa a possibilidade racional de explicação e demonstração; aliás, Deus não é passível de demonstração racional; Ele a transcende.¹⁰ Contudo, mesmo que isso fosse possível satisfatoriamente, tal demonstração não conduziria ninguém a Deus. A nossa "sabedoria" não conta neste campo, a menos que seja guiada pela fé (1Co 1.21; 2.14); e esta é um dom de Deus, não uma conquista da razão. Obviamente aqui, não podemos acompanhar

⁸ Platão, *Mênon*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), 98. p. 108-109. (Vd. também, Platão, *Teeteto*, 190 A-C). Ernst Cassirer (1874-1945) observa: "O cientista não atinge seu objetivo sem uma estrita obediência aos fatos da natureza. Mas esta obediência não é uma submissão passiva. A obra de todos os grandes cientistas naturais – de Galileu e Newton, de Maxwell e Helmholtz, de Planck e Einstein – não foi uma simples reunião de fatos; foi um trabalho teórico, o que quer dizer, construtivo" (Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, p. 345).

⁹ Platão (427-347 a.C.) de forma lúcida afirmou que: "Como a inteligência está para a opinião, está a ciência (ἐπιστήμη) para a fé e o entendimento para a suposição" (Platão, *A República*, 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1993), 534a. p. 350. De fato, a ciência começa sempre por um ato de fé; é impossível haver ciência sem fé (Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, 2ª ed. Países Bajos: FELIRE, 1990, p. 61ss). "Ainda que a ciência está livre de certos elementos subjetivos e os transcende, nunca estará livre da fé do cientista. A ciência é única porém limitada" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 58-59). "A ciência nunca avança sem uma fé, e nunca deverá avançar sem a fé cristã. A ciência sempre está guiada e inspirada pelo crer. O cientista cristão deve escutar e pedir a seu Pai celestial que lhe guie em sua tarefa científica. O resultado dependerá da benção de Deus" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 62). "Toda ciência num certo grau parte da fé, e ao contrário, a fé que não leva à ciência é equivocada ou superstição, mas não é fé real, genuína. Toda ciência pressupõe fé em si, em nossa autoconsciência; pressupõe fé no trabalho acurado de nossos sentidos; pressupõe fé na correção das leis do pensamento; pressupõe fé em algo universal escondido atrás dos fenômenos especiais...." (Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 137-138).

¹⁰ Vd. Jean Guitton, In: Jean Guitton, Grichka Bogdanov & Igor Bogdanov, *Deus e a Ciência, em direção ao metarrealismo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, p. 17. Blaise Pascal (1623-1662) expressou bem a compreensão do limite da razão, ao escrever: "A última tentativa da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Revelar-se-á fraca se não chegar a percebê-lo. Pois, se as coisas naturais a ultrapassam, que dizer das sobrenaturais?" [Blaise Pascal, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVI), 1973, IV. 267. p. 110]. Ernst Cassirer faz um comentário mordaz a respeito do pensamento de Pascal, dizendo que "a tese que ele sustenta é a de impotência radical da razão, incapaz por si mesma da menor certeza, que só pode chegar à verdade renunciando a ela própria e submetendo-se inteiramente, sem reservas, à fé. Mas, justamente, Pascal não pretende exigir ou pregar a necessidade dessa submissão: *quer prová-la*" (Ernst Cassirer, *A Filosofia do Iluminismo*, p. 199).

o positivismo lógico em sua priorização ao “escrutínio da verificação empírica”.¹¹ O conhecimento científico apesar de relevante, é extremamente limitado,¹² não sendo estranho observar na história, que a “ciência” de hoje pode se tornar o mito de amanhã.

Apesar desta limitação, o conhecimento científico julga-se capaz de descrever os fenômenos de forma objetiva, metódica e sistemática, identificando o seu objeto e tendo condições de discorrer sobre ele. Ele almeja ser uma leitura da experiência através de uma ótica que se esforça por ser objetiva e sistemática, buscando, dentro de princípios definidos, ordenar os fenômenos¹³ de forma a poder elucidá-los. A função da ciência – dentro do âmbito que lhe compete –, é substituir a experiência por uma sistematização passível de verificação experimental; ela faz uma “correspondência simbólica”,¹⁴ sendo a linguagem o meio de que a ciência dispõe para assim se expressar: “A linguagem é o primeiro grau do esforço em direção à ciência”,¹⁵ sendo também o seu meio de expressão. Por isso, o conhecimento científico deve ser passível de compreensão, demonstração e comprovação. Ele se propõe a compreender, descrever, controlar e até predizer os fenômenos por ele analisados; por isso, é que a ciência pode ser considerada como “a consciência dos gêneros”.¹⁶ Deste modo, a ciência deve poder ser realizada novamente e de forma aperfeiçoada. Contudo, como ter a certeza de que este modo aperfeiçoado é o derradeiro? E se o *pós-considerado-derradeiro* negar o que parecia final? Simples: posso me alegrar com a nova descoberta, mas, o processo de desconfiança criativa continua... É possível também, descobrir que o rejeitado como “pré-científico” se mostre agora verdadeiro. De qualquer forma, o processo continua. Desespero? Não, consolo: “*Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade*” (2Co 13.8).

A ciência como um empreendimento humano, é extremamente complexa, estando associada a diversos elementos históricos e sociais, tendo, conseqüentemente, profundas implicações sociais.¹⁷ Talvez muitos dos seus projetos tenham que se contentar em permanecer como meras projeções não atingidas ainda que o “não atingidas” também seja provisória dentro da efemeridade de nossa existência. A ciência não é o único caminho para se chegar ao conhecimento e, na realidade, não po-

¹¹ Alister E. McGrath, *Fundamentos do Diálogo entre Ciência e Religião*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 97.

¹² Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 59.

¹³ Vd. Ernst Cassirer. *Antropologia Filosófica*, p. 328-329.

¹⁴ J. Ortega y Gasset, *Que é Filosofia?*, Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961, p. 40.

¹⁵ F. Nietzsche, *Humano, Demasiado Humano*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXXII), 1974, I.1.11. p. 101. Dentro de uma perspectiva semelhante, escreveu Cassirer: “A linguagem é a primeira tentativa do homem para articular o mundo de suas percepções sensoriais. Esta tendência é uma das características fundamentais da linguagem humana” (Ernst Cassirer. *Antropologia Filosófica*, p. 328).

¹⁶ L. Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, Campinas, SP.: Papyrus 1988, p. 43.

¹⁷ Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, 7ª ed. (Revista e modificada pelo autor), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 8-9, 20; Pierre Bourdieu, *Os usos sociais da ciência*, São Paulo: UNESP., 2004, *passim*.

de esgotar o real.¹⁸ Este é mais abrangente e complexo do que o instrumental disponível pelo cientista. A questão é a seguinte: como ter pretensão de esgotar o que nem sequer tenho a sua dimensão? A ciência – aliás, não só ela, todas as esferas de nossos conhecimentos –, não consegue perceber toda a extensão do real, portanto, as suas pretensões são por demais ambiciosas. Talvez falte à ciência a consciência de sua própria limitação. Ela pouco se conhece; daí, por vezes, a sua angústia desnecessária.¹⁹ “A questão ‘o que é a ciência?’ é a única que ainda não tem nenhuma resposta científica”.²⁰ Nesta consciência teórica, a sua atividade empírica se tornará mais abrangente e positivamente útil. Isto me faz lembrar o comentário de Braudel (1902-1985) de que quando o sociólogo Edgar Morin se despediu do Partido Comunista, logo depois, disse: “*O marxismo, meu velho, estudou a economia, as classes sociais; é maravilhoso, meu velho, mas ele se esqueceu de estudar o homem*”.²¹ Talvez falte à ciência o instrumental necessário para o seu auto-exame. Nas palavras de Vieira, “O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua ciência, ou a sua ignorância; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada”.²²

2) Compromisso e Limite da Ciência:

“A ciência é demonstravelmente falível. (...) Não há nada no aparato cognitivo da mente humana, nem ninguém da comunidade de cientistas, que possa nos proteger do erro ou da incerteza. O melhor que podemos fazer, pelo jeito, é ser eternamente críticos, eternamente vigilantes, eternamente céticos” – John Ziman, *O Conhecimento Confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência*, Campinas, SP.: Papyrus, 1996, p. 147.

A ciência está comprometida com a compreensão do real, mesmo que este não lhe pareça algo agradável ou digno; não cabe a ela escolher um “real ideal”, mas sim trabalhar com o que existe. Creio que Bacon (1561-1626) captou bem este sentido, ao afirmar que: “Tudo o que é digno de existir é digno de ciência, que é a imagem da realidade. As coisas vis existem tanto quanto as admiráveis”.²³

¹⁸ John Ziman, *O Conhecimento Confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência*, Campinas, SP.: Papyrus, 1996, p. 12-13.

¹⁹ Veja-se exemplo desta angústia in: John Horgan, *O Fim da Ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento Científico*, 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁰ Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, p. 21.

²¹ Fernand Braudel, *Gramática das Civilizações*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 315.

²² Pe. António Vieira, *Historia do Futuro*, 3ª ed.?, Lisboa: J.M.C. Seabra e T. Q. Antunes, 1855, 6.

²³ Francis Bacon, *Novum Organum*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIII), 1973, l.120. p. 85.

Dentro desta perspectiva, a definição de Popper (1902-1994) a respeito do objetivo da ciência, parece-nos correta: "O objetivo da ciência é encontrar explicações satisfatórias do que quer que nos apresente e nos impressione como estando a precisar de explicação".²⁴

O cientista caracteriza-se pela posse do espírito semelhante ao do filósofo, que está sempre a caminho, procurando respostas para problemas pretéritos e presentes e, concomitantemente, busca novos problemas, que amiúde estão abrigados nas soluções encontradas. Gadamer (1900-2002), por exemplo, analisando a hermenêutica filosófica, observa que:

"Uma interpretação definitiva parece ser uma contradição em si mesma. A interpretação é algo que está sempre a caminho, que nunca conclui. A palavra interpretação faz referência à finitude do ser humano e à finitude do conhecimento humano (...). Pois então, mais importante que o interpretar o claro conteúdo de um enunciado é inquirir os interesses que nos guiam (...). A hermenêutica filosófica está mais interessada nas perguntas que nas respostas...."²⁵

A ciência, portanto, como a filosofia, caminha dentro da dialética do saber-ignorância-saber, mantendo este "equilíbrio dinâmico". Por isso, a ciência que para ser genuinamente ciência tem que ser necessariamente verdadeira –, sofre, devido a nossa limitação, de uma "desconfiança necessária e proveitosa"... Como não posso ter certeza, de que aquilo que penso saber, é de fato "ciência", estou sempre duvidando do que sei, a fim de que, caso o que eu saiba seja realmente "ciência", não tenho o que temer, caso contrário, não me acomodei com a miragem do saber... Nesta hipótese, o novo "edifício do saber", passará pelo crivo da mesma "desconfiança"...

Neste particular, concordo com as observações de Karl Popper (1902-1994):

"O velho ideal científico da epistémé do conhecimento absolutamente certo, demonstrável – provou ser um ídolo. A exigência da objetividade científica torna inevitável que todo enunciado científico permaneça provisório para sempre. Pode-se de fato corroborá-lo, mas toda corroboração é relativa aos outros enunciados que, novamente, são provisórios. Somente podemos estar 'absolutamente certos' de nossas experiências subjetivas de convicção, de nossa fé subjetiva.

"Com o ídolo da certeza (incluindo-se os graus de certeza imperfeita ou probabilidade) cai um dos baluartes do obscurantismo que barra o caminho do avanço científico, reprimindo a audácia de nossas questões e pondo em perigo o rigor e a integridade de nossos testes. A concepção errada da ciência trai-se em sua pretensão de ser correta; pois, o que faz o homem de ciência não é sua posse do conhecimento, da verdade irrefutável, mas sua indagação persis-

²⁴ Karl R. Popper, *O Realismo e o Objectivo da Ciência*, (Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica, Vol. I), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, * 15, p. 152. Vd. também, * 15, p. 164-165.

²⁵ Hans-Georg Gadamer, *A Razão na Época da Ciência*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 71 e 72. Este comentário de Gadamer, contudo, deve ser tomado com certa cautela, a fim de não cairmos no perigoso labirinto do subjetivismo, eliminando a diferença fundamental entre "sentido" e "significado" na interpretação de um texto.

tente e temerariamente crítica da verdade.

"(...) A ciência nunca persegue o fim ilusório de que suas respostas sejam definitivas ou mesmo prováveis. Seu avanço dirige-se, ao contrário, para o fim infinito e ainda assim atingível de sempre descobrir problemas novos, mais profundos e mais gerais, e de sujeitar suas respostas sempre provisórias a testes sempre renovados e cada vez mais rigorosos."²⁶

"Hoje em dia toda a gente reconhece que a plena certeza é algo de inatingível nas ciências a que se chama 'indutivas'."²⁷

Da mesma forma, afirma Veith:

"Aqueles que vêem a ciência como algo que produz a verdade imutável deveriam estudar a história da ciência e fazer a si mesmos outras perguntas: Se a ciência tem nos dado uma série de modelos para explicar dados sempre crescentes, podemos esperar que seja absoluto o que a ciência nos diz agora? Daqui a cem anos, a ciência estará nos dizendo o mesmo que nos diz hoje? (...) Se a ciência de 1500 parece bastante primitiva e ingênua, será que a nossa ciência também não parecerá primitiva e ingênua daqui a quinhentos anos? O que a ciência proclama como fato nem sempre é tão certo para a geração seguinte de cientistas".²⁸

Nem por isso a ciência deve ser gratuitamente rejeitada. Na realidade ela é construída tendo um cerne comum, valendo-se das contribuições básicas dos seus predecessores. A ciência de fato deve ser avaliada e a história nos ajuda bastante na compreensão de determinados conceitos e de sua superação e substituição por outros.²⁹ A nossa dúvida quanto à ciência tem como fundamento a fé na sua capacidade de superação do que foi atingido. Somente a fé que duvida metodologicamente de sua fé, pode de fato se tornar confiável. A fé que se posiciona além da suspeita, não é mais fé, tornou-se uma suposta *ciência absoluta*. Esta, contudo, pertence somente a Deus.

Numa entrevista concedida (fins de 1984?), Popper (1902-1994), criticando os intelectuais da linha hegeliana, disse que, "o primeiro valor (do intelectual) deve ser a busca da verdade."³⁰

Portanto, o que caracteriza o vigor de uma ciência, não é a sua rigidez, antes, é o grau de desconfiança a que a nos permitimos submeter os seus enunciados a fim de aperfeiçoá-los.³¹ "Só é realmente livre a ciência que, enquanto está estritamente limitada a seu próprio princípio, tem o poder de livrar-se de todos os laços artifici-

²⁶ K. R. Popper, *A Lógica da Investigação Científica*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XLIV), 1975, § 85. p. 383, 384. [Vd. também, Jean Piaget, *A Epistemologia Genética*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. LI), 1975, p. 129-130].

²⁷ Karl R. Popper, *O Realismo e o Objectivo da Ciência*, (Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica, Vol. I), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, * 27, p. 234-235.

²⁸ Gene Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 57.

²⁹ Cf. Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, Lisboa: Edições 70, (2002), p. 20.

³⁰ Karl R. Popper, Entrevista publicada no jornal, *Estado de São Paulo*, 20/01/85, "Cultura", p. 12.

³¹ Vd. J. Ortega y Gasset, *Que é Filosofia?*, p. 40.

ais.”³²

A ciência não tem pátria nem idade; ela não é privilégio de um povo, menos ainda de um indivíduo;³³ todo cientista – usando a figura de João de Salisbury (c. 1110-1180)³⁴ – eqüivale a um anão sobre os ombros de gigantes, se valendo das contribuições de seus predecessores, a fim de poder enxergar um pouco além deles. A ciência que envelhece, assina o seu obituário, confessando o ocaso de seu saber. A ciência como verdade é sempre vigorosa; mesmo que os homens tentem negá-la ou ridicularizá-la, o tempo a solidifica e a rejuvenesce. A “ciência” que foi negada, evidenciou por isso mesmo, que não era ciência; contudo, se ela de fato for, renascerá do seu ocaso, atestando a sua perenidade.³⁵ Parece-me fundamental para o cientista o reexame constante da “ciência”, contudo, tendo como referencial paradigmático, a convicção de que existem conhecimentos absolutos mas, que nem por isso devem estar acima de nosso exame.

3) A Ciência: Sonho & Trabalho:

A ciência é em grande parte filha da necessidade e do trabalho. Aristóteles (384-322 a.C.), diz que “o objeto da ciência (ἐπιστήμη) é de necessidade. E, destarte, eterno: porque tudo quanto é de absoluta necessidade, é eterno; o que é eterno, tem que ser ingênito e incorruptível.”³⁶ É a necessidade que se revela no trabalho, na pesquisa, na procura do saber; e esta necessidade está ligada a um determinado contexto histórico e social, com os seus valores próprios. Espinosa (1632-1677) disse que: “o desejo é a própria essência do homem”.³⁷ Parece-me ser fato que o desejo é fruto da carência ou da consciência da carência de totalidade, da falta de onisciência, sendo portanto, um atributo dos mortais. Todavia, es-

³² Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 147.

³³ Durkheim disse com acerto, que “a ciência é obra coletiva, porquanto supõe vasta cooperação de todos os sábios, não somente de dada época, mas de todas as épocas que se sucedem na história.” [Émile Durkheim, *Educação e Sociologia*, 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos, (s.d.) p. 35].

³⁴ Cf. N. Abbagnano & A. Visalberghi, *Historia de la Pedagogía*, p. 203. Parece que esta figura também foi empregada por outro teólogo medieval, “que morreu quase 300 anos antes de Lutero nascer...”, Pedro de Blois. (Cf. Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 23). Newton mais tarde (05/02/1676) em carta a Robert Hooke (1635-1703 – seu ferrenho adversário (Cf. Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 26ss) –, supostamente referindo-se a Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1643) e Descartes (1596-1650), entre outros, também faria uso desta analogia. (Vd. N. Abbagnano & A. Visalberghi, *Historia de la Pedagogía*, p. 280; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. XI, 441).

³⁵ Discordo neste particular de Jean Piaget (1896-1980), que compreende que “não existem conhecimentos absolutos” e que “toda ciência está em permanente transformação e não considera jamais seu estado como definitivo” (Jean Piaget, *A Epistemologia Genética*, p. 130). Creio que esta postura é saudável apenas metodologicamente, mas não absolutamente.

³⁶ Aristóteles, *A Ética*, (Ética a Nicômaco), Rio de Janeiro: Edições de Ouro, (s.d.), VI.3.2. p. 110.

³⁷ B. Espinosa, *Ética*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVII), 1973, IV.18. p. 244.

te desejo precisa ser conscientizado: a ignorância do desejo é a acomodação na ausência: O desejo é a consciência da limitação. O desejo produz esperança³⁸ e desespero... "Aquilo de que não temos desejo não pode ser objeto de nossa esperança nem de nosso desespero", observou Agostinho (354-430).³⁹ Todavia, o cientista deve ter a disposição de aceitar as evidências mesmo quando elas colidem com os nossos desejos.⁴⁰

Sócrates (469-399 a.C.), estava correto ao declarar: "Quem não se considera incompleto e insuficiente, não deseja aquilo cuja falta não pode notar".⁴¹ Assim sendo, a ciência é produto do homem consciente da sua necessidade e ao mesmo tempo, disposto a suprimi-la. A ciência como fruto do labor humano, começa pelo sonho dos inconformados que não se contentam com os atuais limites da sua ignorância. "O sonho é uma fresta do espírito"⁴² e a fé que permeia a ciência, por ser "racional", deve ser essencialmente ativa.⁴³ Sem sonho não há possibilidade de ciência e, sem trabalho, os sonhos não se constroemconstroem, permanecem escondidos, só vindo à luz durante as "trevas" do sono, onde não há perigo de serem concretamente confrontados... "Aqueles de nós que não estão dispostos a expor suas idéias ao risco da refutação não tomam parte no jogo da ciência."⁴⁴

Por outro lado, a ciência, juntamente com o sonho, traz consigo uma saudade. A ciência tende a construir um universo diferente do que estávamos acostumados e, nesta construção, novos valores obviamente surgem e, do mesmo modo, outros se perdem... E de quando em quando nos lembramos de forma nostálgica "daqueles tempos", repletos de significado, os quais são normalmente prioritariamente positivos nas injustiças cometidas impunemente por nossa memória... E nisto, há uma valorização exagerada do que foi, num esquecimento, ainda que momentâneo do que é, de seus benefícios... A amnésia é uma "estratégia compensadora", que apaga o que muitas vezes nos convém.⁴⁵ Todavia, se faz parte do homem o sonho, do mesmo modo, a saudade constitui o seu ser. Assim todos trazemos dentro de nós uma "máquina do tempo" que nos faz ir e vir sem impedimentos, exercitando os nossos sonhos e a nossas lembranças... A ciência excita o nosso sonho mas, também, ainda que por um breve momento, resgata do exílio mental a lembrança saudosa "daqueles tempos"...

³⁸ "A esperança não é mais do que o alimento e a força da fé." (J. Calvino, *As Institutas*, III.2.43).

³⁹ *Apud* J. Moltmann, *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1981, p. 11.

⁴⁰ Vd. B.F. Skinner, *A Possibilidade de uma Ciência do Comportamento*. In: *Ciência e Comportamento Humano*, São Paulo: Cultrix, 1966, p. 16

⁴¹ Platão, *Banquete*, Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, (s.d.), 204, p. 165.

⁴² Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo: Abril Cultural, (Obras Primas), 1978, p. 65.

⁴³ Vd. Erich Fromm, *A Revolução da Esperança*, São Paulo: Círculo do Livro, (s.d.), p. 27-28; *Idem.*, *A Arte de Amar*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1960, p. 157ss.

⁴⁴ Karl R. Popper, *A Lógica da Investigação Científica*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XLIV), 1975, § 85. p. 383.

⁴⁵ Vd. Lucette Valensi, *Fábulas de Memória: A Batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 6ss.

4) Ciência e Religião no Pensamento Moderno:

“Nos países protestantes, os cientistas não eram obrigados a aceitar o juízo de não-cientistas em matéria de ciência”, afirma Hooykaas (1906-1994).⁴⁶ De fato, a ciência se não tem pátria nem idade, também não tem religião, ela não tem que estar atrelada a um sistema religioso – ainda que através da história tenha estado com freqüência próxima da religião⁴⁷ –; antes, está comprometida com a verdade. Contudo, os pressupostos⁴⁸ dos cientistas são de grande relevância na elaboração científica. Tentar negar a existência de pressupostos em nome de uma suposta “neutralidade” seria uma postura pueril e inútil.⁴⁹ Francis A. Schaeffer (1912-1984), por exemplo, nos chama a atenção para o fato de que “a ciência moderna em seus primórdios foi o produto daqueles que viveram no consenso e cenário do Cristianismo”.⁵⁰ Em outro lugar, acrescenta: “A mentalidade bíblica é que deu origem à ciência”.⁵¹ Alhures, Schaeffer seguindo Alfred Nort Whitehead (1861-1947), diz: “A ciência moderna surgiu porque estava cercada por uma estrutura de referências cristãs”.⁵² Hooykaas conclui o seu brilhante livro usando uma metáfora: “Podemos dizer (...) que, embora os ingredientes corporais da ciência possam ter sido

⁴⁶ R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 145.

⁴⁷ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 13ss; 27.

⁴⁸ “Toda ciência vive dos seus pressupostos e tem por objeto o seu próprio conteúdo.” (H. Fries, Teologia: In: H. Fries, ed. *Dicionário de Teologia*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1987, Vol. 5, p. 302).

⁴⁹ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 19ss; 53,54,58. A “neutralidade” é impossível tal qual a “objetividade” completa, no entanto, deve ser buscada. Gilberto Freyre expressou bem isto, ao dizer: “A perfeição objetiva nas Ciências do homem ou nos Estudos Sociais talvez não exista. Mas o afã de objetividade pode existir. É a marca do historiador intelectualmente honesto. E sua ausência, o sinal do intelectualismo desonesto.” (Gilberto Freyre, na Apresentação da obra de Davi Gueiros Vieira, *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 9). Ver: Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

⁵⁰ F.A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, p. 29. Um dos grandes cientistas do século XX, W. Heisenberg (1901-1976), atesta a ligação da física moderna com Bacon, Galileu e Kepler: “A física moderna não é mais do que um elo na longa cadeia de acontecimentos que se iniciaram com a obra de Bacon, Galileu e Kepler e das aplicações práticas das ciências da natureza nos séculos XVII e XVIII.” (Werner Heisenberg, *Reflexões Sobre a Viagem do Artista ao Interior*. In: *Werner Heisenberg: Páginas de reflexão e auto-reflexão*, Lisboa: Gradiva, 1990, p. 52). “O trabalho científico do presente século seguiu essencialmente o método descoberto e desenvolvido por Copérnico, Galileu e seus sucessores nos séculos XVI e XVII.” (Werner Heisenberg, *A Tradição na Ciência*, (Conferência realizada em 24/04/1973). In: *Werner Heisenberg: Páginas de reflexão e auto-reflexão*, Lisboa: Gradiva, 1990, p. 80-81).

⁵¹ F. A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, p. 31.

⁵² F. A. Schaeffer, *A Igreja no Final do Século XX*, 2ª ed. (revista), Brasília, DF.: Sião, 1988, p. 12. Vd. F.A. Schaeffer, *Poluição e a Morte do Homem: Uma Perspectiva Cristã da Ecologia*, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP., 1976, p. 51.

gregos, suas vitaminas e hormônios foram bíblicos”.⁵³ Entre os puritanos, por exemplo, o estudo científico, juntamente com o teológico e literário era amplamente estimulado. “Os Puritanos abraçaram o estudo das artes tão completamente como o da ciência”.⁵⁴

Estes pressupostos não devem significar um atrelamento determinante da pesquisa,⁵⁵ visto que um dos basilares da pesquisa científica é a sua "autonomia", liberdade indispensável para o seu avanço;⁵⁶ não significando isso uma ausência de pressupostos e mesmo de desejos, conforme já observamos. Devemos notar também, que quando um sistema religioso se vincula a uma determinada concepção "científica", filosófica ou ideológica e esta, se torna ultrapassada, o sistema religioso sofre também as conseqüências.

Alan Richardson observa que, "São Tomás havia cristianizado a Aristóteles com tanto êxito, que quando a autoridade deste nos campos da Astronomia ou da Física se pôs na tela do juízo, foi como se a fé cristã mesma tivesse sido atacada impiamente".⁵⁷ De fato, é comum os homens confundirem as suas interpretações com a própria verdade. Quando sou possuído por uma interpretação, já não consigo imaginar uma conclusão "racional" diferente. A nossa perspectiva tende a assumir um tom "final", ainda que em nosso discurso a nossa perspectiva seja mostrada como uma das possíveis interpretações...

Mas o fato é que a Ciência Moderna, que teve a sua gênese no século XVII, não estava em princípio dissociada da fé cristã. Francis Bacon (1561-1626) – quem revolucionou o método científico, sendo uma figura fundamental na transição do pensamento humanista-renascentista para o Iluminismo⁵⁸ –, combatendo o método

⁵³ R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 196.

⁵⁴ Leland Ryken, *Santos no Mundo*, São José dos Campos, SP.: FIEL, 1992, p. 178. Sobre o envolvimento dos Puritanos com as diversas ciências, ver: Richard L. Greaves, *The Puritan Revolution and Educational Thought: Background for Reform*, New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1969; Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992; *Idem.*, *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1988; Perry Miller & Thomas H. Johnson, eds. *The Puritans*, Mineola, New York: Dover Publications, (2 Volumes bound as one), 1991; Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. (Trata mais especificamente da influência de Calvino sobre o estudo das Ciências Naturais).

⁵⁵ Visto que a pesquisa é “o meio que os cientistas têm para verificar suas hipóteses, testar suas idéias, suas teorias, observar os fatos.” (Maria Martha H. D'Oliveira, *Ciência e Pesquisa em Psicologia: Uma Introdução*, p. 5).

⁵⁶ Comenta Kuyper: “A liberdade da ciência não consiste em licenciosidade ou ilegalidade, mas em ser liberta de todos os laços artificiais, porque não estão enraizados em seu princípio vital.” (Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 133).

⁵⁷ Alan Richardson, *La Biblia En La Edad de la Ciencia*, Buenos Aires: Editorial Paidós, (1975), p. 12.

⁵⁸ Grenz acentua com perspicácia que “sob diversos aspectos, a quintessência do pensamento renascentista foi a obra... [de] Francis Bacon. Embora fruto da Renascença, Bacon floresceu no limiar da Idade da Razão. Em certo sentido, portanto, ele marca a transição da Renascença para o Ilumi-

dedutivo de Aristóteles (384-322 a.C.) – a quem considerava uma espécie de Anticristo –,⁵⁹ e o pensamento escolástico – que contribuiu no processo de distanciamento do homem em relação a Deus e às Escrituras⁶⁰ –, sustentou que a única esperança da ciência estava na indução.⁶¹ No frontispício da primeira edição do *Novum Organum*, Bacon colocou as palavras do texto bíblico de Daniel 12.4: "Muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará."⁶²

Bacon demonstra crer na supremacia da fé sobre a razão, entendendo que a filosofia nada pode contra as Escrituras; antes, ela é a sua fiel serva. Ele diz:

"Finalmente, constatar-se-á, mercê da infâmia de alguns teólogos, foi quase que totalmente barrado o acesso à filosofia, mesmo depurada. Alguns, em sua simplicidade, temem que a investigação mais profunda da natureza avance além dos limites permitidos pela sua sobriedade, transpondo, e dessa forma distorcendo, o sentido que dizem as Sagradas Escrituras a respeito dos que querem penetrar nos mistérios divinos, para os que se volvem para os segredos da natureza, cuja exploração não está além de maneira alguma interdita. Outros, mais engenhosos, pretendem que, se se ignoram as causas segundas, será mais fácil atribuir-se os eventos singulares à mão e à férula divinas – o que pensam ser do máximo interesse para a religião. Na verdade, procuram 'agradar a Deus pela mentira' (Jó 13.7).

"Outros temem que, pelo exemplo, os movimentos e as mudanças da filosofia acabam por recair e abater-se sobre a religião. Outros finalmente, parecem temer que a investigação da natureza acabe por subverter ou abalar a autoridade da religião, sobretudo para os ignorantes. Mas estes dois últimos temores parecem-nos saber inteiramente a um instinto próprio de animais, como se os homens, no recesso de suas mentes e no segredo de suas reflexões, desconfiassem e duvidassem da firmeza da religião e do império da fé sobre a razão e, por isso, temessem o risco da investigação da verdade na natureza. Contudo, bem consideradas as coisas, a filosofia natural, depois da palavra de Deus, é a melhor medicina contra a superstição, e o alimento mais substancioso da fé. Por isso, a filosofia natural é justamente reputada como a mais fiel serva da religião, uma vez que uma (as Escrituras) torna manifesta a vontade de Deus, outra (a filosofia natural) o seu poder".⁶³

nismo [...]. A visão de Bacon lançou os fundamentos da sociedade tecnológica moderna." (Stanley J. Grenz, *Pós-Modernismo: Um guia para entender a filosofia do nosso tempo*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 94,96. Do mesmo modo: Stanley J. Grenz & Roger E. Olson, *A Teologia do Século XX*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 15).

⁵⁹ Ver: Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 66.

⁶⁰ Cf. Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, p. 69.

⁶¹ F. Bacon, *Novum Organum*, l.14. p. 21.

⁶² Cf. nota nº 71, feita por José Aluysio Reis de Andrade, à referida edição da obra de Bacon, p. 68. Bacon ainda que não fosse puritano foi educado dentro deste espírito (Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 180).

⁶³ F. Bacon, *Novum Organum*, l.89. p. 64-65. A este respeito, o cientista católico, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), em 1921, disse: "A Ciência não deve portanto perturbar-se em nossa Fé, por suas análises. Deve, ao contrário, ajudar-nos a melhor conhecer, compreender e apreciar a Deus.

"O supremo motivo de esperança emana de Deus (...) que é Autor do bem e Pai das luzes".⁶⁴

"Que o gênero humano recupere os seus direitos sobre a natureza, direitos que lhe competem por dotação divina. Restitua-se ao homem esse poder e seja o seu exercício guiado por uma razão reta e pela verdadeira religião".⁶⁵

O astrônomo luterano⁶⁶ alemão, Johannes Kepler (1571-1630)⁶⁷ que paciente-mente, conforme a sua obsessão por medidas,⁶⁸ procurou dar precisão matemática às descobertas de N. Copérnico (1473-1543) –, descobrindo as leis dos movimentos dos planetas, "sentia-se como se estivesse 'pensando os pensamentos de Deus após Ele'; sentia-se como sendo 'um sumo sacerdote no livro da natureza, religiosamente obrigado a não alterar nenhum jota ou til daquilo que havia agra-

Quanto a mim, tenho a convicção de que não existe mais poderoso alimento natural para a vida religiosa que o contacto das realidades científicas bem compreendidas. O homem que vive habitualmente na companhia dos elementos deste mundo, o homem que pessoalmente experimentou a esmagadora imensidade das coisas e sua miserável dissociação – este, tenho certeza, adquire uma consciência mais aguda que ninguém tanto da imensa necessidade de unidade que impele o Universo sempre para a frente quanto do inaudito futuro que lhe está reservado. Ninguém como o Homem debruçado sobre a Matéria compreende até que ponto o Cristo, por sua Encarnação, é interior ao Mundo, enraizado no Mundo, até ao coração do menor dos átomos." (*Ciência e Cristo*, Petrópolis, RJ.: Vozes, 1974, p. 43).

⁶⁴ F. Bacon, *Novum Organum*, I.93. p. 68.

⁶⁵ F. Bacon, *Novum Organum*, I.129. p. 95.

⁶⁶ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 146; Johannes Hirschberger, *História da Filosofia Moderna*, p. 62; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 133; Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 49-50; Bertrand Russell, *Religion and Science*, New York, New York/Oxford: Oxford University Press, (1935), 1997, p. 25; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 339; Claude-Gilbert Dubois, *O Imaginário da Renascença*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 101.

⁶⁷ As pesquisas de Kepler estavam entrelaçadas de aspectos místicos e científicos o que criava grande dificuldade em sua aceitação mesmo por parte de cientistas tais como Galileu e Descartes, entre outros. "As leis de Kepler se tornaram leis 'científicas' somente depois que Newton se serviu delas, sendo as mesmas leis aceitas pela maioria dos astrônomos somente no decorrer da década de sessenta do século XVII" (Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 145). Do mesmo modo: Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 83, 115. Rossi, seguindo a tese de Lynn Thorndike (*History of Magic and Experimental Sciences*, New York: Columbia University Press, 1923-1956, 8 Vols. e *The True Place of Astrology in the History of Science*: In: *Isis*, XLVI, 1955: 273-278) sobre a transição entre a astrologia e a ciência moderna, diz: "O fim da astrologia, que não era uma forma de superstição, mas uma coerente e orgânica visão do mundo, foi determinado pela gradual obliteração da distinção entre céu e terra que se verificou no curso dos séculos XVI e XVII e, enfim, pela radical destruição, operada por Newton, de qualquer diferença entre o mundo superior dos corpos celestes e o mundo inferior dos elementos." (Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 30). "A astrologia era, segundo os conhecimentos de então, um sistema perfeitamente racional" (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391). "No século XVI, a distinção entre astronomia e astrologia era bastante ambígua" (Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 337).

⁶⁸ Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 335.

gado a Deus escrever nele".⁶⁹

O polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) entendia que os astrônomos, como sacerdotes de Deus, no exame do livro da natureza deveriam glorificar a Deus.⁷⁰ Reconhecendo a sua dívida para com os cientistas que viveram antes dele e admitindo os obstáculos na pesquisa, escreve: "Contudo, para evitar dar a impressão de que esta dificuldade é uma desculpa para a indolência, pela graça de Deus, sem O qual nada podemos aperfeiçoar, vou tentar fazer um estudo mais largo sobre estas matérias."⁷¹

Tomás Campanella (1568-1639),⁷² apesar de sua filosofia ter um forte teor panteísta, afirmou (1602) que "a verdade do Evangelho é conforme a natureza".⁷³

N. Copérnico (1473-1543); G. Galilei (1564-1642), I. Newton (1642-1727) e G.W. Leibniz (1646-1716), foram cientistas que reconheceram o poder de Deus na natureza, não encontrando nenhuma contradição entre sua fé em Deus e as suas pesquisas científicas. Newton – ainda que pese o fato dele conceber um mundo ordenado que funcionava segundo as suas próprias leis⁷⁴ –, nos seus *Princípios Matemáticos* (1687), reconhecendo a soberania de Deus, escreve:

"Esse Ser governa todas as coisas, não como a alma do mundo, mas como Senhor de tudo; e por causa de seu domínio costuma-se chamá-lo Senhor Deus (...). O Deus Supremo é um Ser eterno, infinito, absolutamente perfeito (...). Ele é eterno e infinito, onipotente e onisciente; isto é, sua duração se estende da eternidade à eternidade; sua presença do infinito ao infinito; ele governa todas as coisas que são ou podem ser feitas. Ele não é eternidade e infinitude, mas eterno e infinito; ele não é duração ou espaço, mas ele dura e está presente. (...) Deus é o mesmo Deus, sempre e em todos os lugares. Ele é onipresente não somente virtualmente, mas também substancialmente; pois a virtude não pode subsistir sem substância. Nele, são todas as coisas contidas e movidas; todavia nenhum afeta o outro. (...) Assim como um homem cego não tem idéia das cores, nós também não temos idéia da maneira pela qual o todo-sábio Deus percebe e entende todas as coisas. Ele é completamente destituído de todo corpo e figura corporal, e não pode portanto nem ser visto, nem ouvido, nem tocado; nem deve ser ele adorado sob a representação de qualquer coisa corporal.

⁶⁹ Apud Michael Green, *O Mundo em Fuga*, São Paulo: Vida Nova, (s.d.), p. 37. Do mesmo modo: Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 80.

⁷⁰ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 137.

⁷¹ Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 15.

⁷² Que perseguido pela Inquisição passou por terríveis torturas permanecendo quase 30 anos preso em masmorras italianas (Cf. Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 42).

⁷³ T. Campanella, *A Cidade do Sol*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XII), 1973, p. 274.

⁷⁴ Cf. John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã*, São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 173-174.

Temos idéias de seus atributos, mas o que a substância real de qualquer coisa é nós não sabemos."⁷⁵

Leibniz em 1714, seguindo argumentos de Anselmo (1033-1109) e de Tomás de Aquino (1225-1274), escreveu na sua *Monadologia*:

"...A razão última das coisas deve encontrar-se numa substância necessária, na qual o pormenor das modificações só esteja eminentemente, como na origem. É o que chamamos Deus.

"Ora, sendo esta substância razão suficiente de todo aquele pormenor que, por sua vez, está entrelaçada em toda parte, há um só Deus, e esse Deus é suficiente.

"Esta suprema substância única, universal e necessária, sem nada externo independente dela, e simples resultado da sua possibilidade, pode também julgar-se que não é suscetível de limites e que contém o máximo possível de realidade.

"Segue-se daí que Deus é absolutamente perfeito, pois a perfeição é, apenas, a grandeza da realidade numa rigorosa mente, excluídos os limites ou restrições nas coisas em que os há. E onde não houver quaisquer limites, quer dizer, em Deus, a perfeição é absolutamente infinita."⁷⁶

Notemos, que na Idade Média, a Bíblia desfrutava o status de autoridade em assuntos espirituais e Aristóteles, a autoridade em questões científicas. A partir de Copérnico (1473-1543), o método experimental – que permite a comprovação ou não das hipóteses, através de sua experimentação – desenvolveu-se. A autoridade de Aristóteles foi questionada e relegada à "crendices" medievais. A história e a ciência gradativamente vão se emancipando da filosofia – que, por sua vez, havia se libertado da teologia⁷⁷ –, existindo autonomamente como disciplinas empíricas independentes. Aos poucos, os pensadores modernos passaram a falar de uma nova física e nova geografia. Esta compreensão moderna era resultado natural do descobrimento da existência de outros povos e culturas e da aplicação do método empírico.

A "autonomia" pretendida pela ciência, não significa o abandono da fé cristã; antes, ela estava repleta de valores cristãos. "A Ciência moderna nos seus primórdios – escreve Schaeffer –, era uma ciência natural porque tratava de coisas naturais, mas longe estava de ser naturalista, pois, embora sustentasse a uniformidade das causas naturais, não concebia a Deus e ao homem como presos dentro do mecanicismo. Tais cientistas nutriam a convicção, primeiro, de que Deus propiciou conhecimento ao homem – conhecimento de Si próprio e também do universo e da

⁷⁵ Isaac Newton, *Princípios Matemáticos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIX), 1974, III, p. 26,27.

⁷⁶ G.W. Leibniz, *Monadologia*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XIX), 1974, § 38-41. p. 67.

⁷⁷ Apesar de ser ponto pacífico o fato de que na Idade Média a Filosofia estava atrelada à Teologia, parece-nos que isto não é um dado uniforme, havendo pensadores medievais, que estavam mais propensos a fazer o oposto. (Vd. André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, (Suplemento) sobre "Escolástica", p. 1257).

história; e, segundo, de que Deus e o homem eram partes do mecanismo e poderiam afetar a operação do processo de causa e efeito (...). Assim se desenvolveu a ciência, uma ciência que tratava do mundo natural e real que, porém, ainda não se havia tornado naturalista."⁷⁸

Copérnico, por exemplo, escreveu o seu trabalho demonstrando insatisfação com o geocentrismo (1514?) (*Pequeno Comentário*). Este manuscrito só circulou entre amigos de extrema confiança. No entanto sua obra só ganharia evidência – ainda que restrita⁷⁹ – com a sua edição ampliada em maio de 1543,⁸⁰ com o título *As Revoluções dos Orbes Celestes*. Esta publicação tornou-se possível porque em 1539, Copérnico fora procurado pelo jovem professor de matemática na Universidade de Wittenberg,⁸¹ o protestante Georg Joachim Lauschen, conhecido como Rheticus (1514-1576),⁸² que juntamente com outros amigos de Copérnico o convencera, não sem relutância,⁸³ a ampliar e publicar o seu trabalho primitivo. Ele foi publicado em Nuremberg (1543) na tipografia de um amigo de Rheticus, o impressor luterano Johannes Petreius Petri (1497-1550),⁸⁴ que se especializaria na publicação de tratados de teologia e de direito canônico.⁸⁵ Copérnico já parálico do lado direito e mentalmente cansado, não pôde coordenar a edição de sua obra. Rheticus, por sua vez, tendo que deixar Nuremberg, “Infelizmente, contudo, Rheticus “não pôde coordenar pessoalmente a impressão da obra. A tarefa foi delegada a Andréas Osiander (1498-1552), que, numa decisão infeliz, redigiu uma introdução, impressa sem assi-

⁷⁸ F.A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, p. 31. (Vd. também, F.A. Schaeffer, *A Igreja no Final do Século XX*, p. 12ss; 17ss; 109ss.).

⁷⁹ “Fora do mundo astronômico o *De Revolutionibus* criou inicialmente muito pouca agitação.” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 201].

⁸⁰ O seu trabalho fora concluído em 1536. (Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 4). Segundo a tradição, Copérnico recebeu a obra impressa no seu leito de morte. (Entre outros: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 119; Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência*, p. 3,6; Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 207; (Cf. Hal Hellman, *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*, São Paulo: UNESP., 1999, p. 25).

⁸¹ Que havia renunciado esta cátedra a fim de poder estudar com Copérnico (Cf. Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 4).

⁸² “O primeiro discípulo de Copérnico” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 202; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 118.]. Que tornou-se protegido de Melanchton (Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 159).

⁸³ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 5-7.

⁸⁴ Cf. *Inter alia* Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 4; Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506; Edward Rosen, *Copernicus and the Scientific Revolution*, Malabar, Florida: Robert E. Krieger Publishing Co., 1984, p.119.

⁸⁵ Cf. Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 276.

natura.⁸⁶ Passou-se a atribuir erroneamente a Copérnico uma afirmação feita por Osiander, segundo a qual a idéia de que a Terra girava ao redor do Sol era um simples artifício matemático – e não uma descrição da realidade física.”⁸⁷ Ou seja; ele retoma as concepções de Simplício (527-565), Giovanni Filopono (c. 530) e de Tomás de Aquino (1225-1274), que consideravam a matemática um simples cálculo através do qual elaboravam-se hipóteses que pouco ou nada tinham a ver com a realidade.⁸⁸ Diz Osiander no Prefácio: “Nem tão-pouco é necessário que estas hipóteses sejam verdadeiras nem até sequer verossímeis, mas bastará apenas que conduzam um cálculo conforme às observações.... No entanto é bem evidente que esta ciência ignora pura e simplesmente as causas dos movimentos aparentemente não uniformes. E se imagina algumas, pois certamente imagina muitas, não o faz de maneira nenhuma com o objetivo de persuadir alguém de que as coisas são assim, mas apenas para conseguir uma base correta de cálculo.”⁸⁹ No entanto o sistema de Copérnico era mais do que isso, era uma ciência que se relacionava à concepção real do sistema astronômico, não uma mera especulação abstrata.⁹⁰

Em seu trabalho Copérnico desloca a Terra do centro do universo passando a explicar os movimentos dos planetas a partir da centralidade do Sol. Deste modo, ele “destruiu os próprios alicerces da ordem cósmica tradicional, com uma estrutura hierárquica....”.⁹¹ A Terra no caso seria apenas o centro de rotação da Lua.⁹² Em suas leituras Copérnico encontrou evidências de que outros filósofos bem anteriores a ele já haviam sugerido o movimento da Terra, tais como Niceta, Filolau, Heraclides do Ponto e Ecfanto.⁹³ Contudo como bom católico que era submete a sua obra ao Papa Paulo III⁹⁴ entendendo que “As Matemáticas escrevem-se para os matemáti-

⁸⁶ Sem a permissão de Copérnico [Cf. entre outros: Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 203; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506].

⁸⁷ Alexandre Cherman, *Sobre os ombros de Gigantes: Uma História da Física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 p. 31. Do mesmo modo: Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2005, p. 6; Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 678. Ver o documento in: Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 1-2; B.A. Gerrish, *The Reformation and the Rise of Modern Science*. In: Jerald C. Brauer, ed., *The Impact of the Church upon its Culture*, Chicago: The University of Chicago Press, 1968, Vol. 2, p. 262.

⁸⁸ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 161.

⁸⁹ Osiander In: Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 1,2.

⁹⁰ Cf. R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 33.

⁹¹ Ver Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 37-38.

⁹² Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 116-117.

⁹³ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1984), p. 8-9, 30. Ver também: Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 37.

⁹⁴ Só para recordar um pouco, o papa Paulo III (1534-1549) – Alessandro Farnese (1468-1549), filho de importante família italiana, tendo recebido uma forte e extensa formação humanista – Foi ele quem

cos, aos quais também esta minha obra...”⁹⁵

O fato é que com Copérnico a astronomia deu um salto tão grande que algumas décadas depois, ele seria lembrado apenas pela sua percepção correta a respeito do heliocentrismo – colocando no seu devido lugar as concepções fundamentais da astronomia da qual a astronomia moderna dependeu fundamentalmente –, e não por outras de suas colaborações que já estariam superadas.⁹⁶ No entanto além de uma revolução científica, a descoberta de Copérnico causou, segundo Kuhn uma mudança de perspectiva do homem no universo, gerando controvérsias, para limitar a duas, no campo religioso e filosófico.⁹⁷ “A Revolução Copernicana foi (...) parte de uma transição na escala de valores do homem ocidental.”⁹⁸

Como naquela época não havia como provar de forma irrefutável o movimento da

encomendou os afrescos da capela Sistina a Miguel Ângelo (1475-1564)] em Roma e Florença – destacou-se como o papa da Contra-Reforma (Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Lisboa: Editora Verbo, 1982, Vol. III, p. 52). Também foi ele quem – subornado pelo rei de Portugal, D. João III – estabeleceu definitivamente a Inquisição em Portugal através da Bula *Cum ad nihil magis* (23/05/1536) [Cf. Alexandre Herculano, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Portugal: Publicações Europa América (s.d.), Vol. I, "Apêndices", p. 156; Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, Vol. III, p. 52]. Em 1535, D. João III escreveu ao papa Paulo III solicitando que estabelecesse a “inquisição em meus Reinos e senhorios sobre os Cristãos-novos, que novamente são convertidos, que sou certificado que não vivem como devem.” [Documento In: J. Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, 3ª ed. Porto: Clássica Editora, 1989, p. 443 (apêndice)]. Novinsky, diz: “Afim D. João III venceu, oferecendo ao papa uma enorme fortuna em troca da permissão para agir sem interferência de Roma.” (Anita Novinsky, *A Inquisição*, 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 35)]. Ele também quem organizou a Ordem dos jesuítas em 27 de setembro de 1540, através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, batizando-a com o nome de "Companhia de Jesus". [Jean Lacouture, *Os Jesuítas: 1. Os Conquistadores*, Porto Alegre: L&PM, 1994, 106].

⁹⁵ Ver o seu prefácio dedicado ao Papa Paulo III. Nicolau Copérnico, *As Revoluções dos Orbes Celestes*, p. 10.

⁹⁶ Curiosamente Russel diz que “não há nada em suas especulações que não pudesse haver ocorrido a um astrônomo grego”. (Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 46). De fato, já que o “o Universo de Copérnico, no século XVI, ainda era finito por essência” [Alistair Crombie & John North, Universo: In: Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt, coords. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru, SP/São Paulo, SP.: Editora da Universidade Sagrado Coração/Imprensa Oficial do Estado, 2002, Vol. 2, p. 590].

⁹⁷ “A sua teoria planetária e a conseqüente concepção de um universo centrado no Sol foram os agentes da transição da sociedade ocidental medieval para a moderna, porque pareciam afetar a relação do homem com o universo e com Deus.” [...]

“A Revolução Copernicana está entre os episódios mais fascinantes de toda a história da ciência. (...) A civilização ocidental contemporânea é mais dependente, tanto no que se refere à filosofia do quotidiano como ao pão que comemos, de conceitos científicos do que qualquer civilização anterior.” [Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, Lisboa: Edições 70, (2002), p. 17,18]. Compare a opinião de Reale e Antiseri, que seguem Kuhn com a de Collingwood e Hooykaas: Giovanni Reale & Dario Antiseri, *História da Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1990, Vol. II, p. 212-213 com R.G. Collingwood, *Ciência e Filosofia: a idéia de natureza*, 5ª ed., Lisboa: Editorial Presença, (1986), p. 108-109; R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 34.

⁹⁸ Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 17.

Terra, obviamente as idéias de Copérnico – então meras hipóteses⁹⁹ –, não foram aceitas por todos, nem mesmo entre os astrônomos.¹⁰⁰ No entanto, Além de suscitar questões sérias quanto à interpretação de textos bíblicos que apontavam para a estabilidade da Terra (Jó 10.12-14; Sl 19.5-6; 104.5; Ec 1.4-5). Aliás, esta questão era mais relevante para protestantes do que para os católicos devido à sua perspectiva exegética das Escrituras.¹⁰¹ Contudo, a concepção de Copérnico com o passar do tempo, contribuiu para o reexame, por parte dos protestantes, de diversos textos das Escrituras, tendo o “princípio da acomodação” de Calvino (1509-1564) contribuído de forma decisiva para a interação entre a compreensão das Escrituras e as ciências naturais.¹⁰² Posteriormente, este princípio interpretativo seria empregado pelo Carmelita Paolo Antonio Foscarini (1565-1616) e o próprio Galileu, sendo, contudo rejeitado pela igreja romana como uma inovação sem precedentes.¹⁰³

Contudo, a rejeição das hipóteses de Copérnico deu-se entre católicos e protestantes – com todas as suas diversidades – ainda que encontremos uma adoção maior de seu sistema entre os calvinistas e puritanos,¹⁰⁴ a ponto de ser relacionado os sistemas como “calvinista-copernicano”¹⁰⁵ e algumas vezes o puritanismo ser identificado com os defensores da “nova Ciência”.¹⁰⁶ Treze anos depois da publicação da obra de Copérnico, ela seria reeditada em Basiléia (1556?),¹⁰⁷ cidade protes-

⁹⁹ Cf. Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 448.

¹⁰⁰ Cf. Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 678-679.

¹⁰¹ Cf. Rienk Vermij, *The Calvinist Copernicans: The reception of the new astronomy in the Dutch Republic, 1575-1750*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2002, p. 243.

¹⁰² Cf. Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 208ss. Do mesmo modo: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 160. Hooykaas, por exemplo, demonstra que Kepler recorreu a um argumento semelhante ao de Calvino (Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 161). Do mesmo modo, ver: Heiko A. Oberman, *The Dawn of the Reformation: Essays in Late Medieval and Early Reformation Thought*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1992 (Reprinted), p. 184-185; 264-265; Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes: uma breve história da interpretação*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 166-167.

¹⁰³ Cf. Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 211-213. *Inter alia* Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 160-161; R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 42.

¹⁰⁴ Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 169ss. “Do século IV ao XVI, a atitude da Igreja foi um fator determinante no progresso ou na estagnação da astronomia.” (Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 123)

¹⁰⁵ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 171, 173.

¹⁰⁶ Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 182ss.

¹⁰⁷ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 123. Febvre e Martin, dizem: “O público quase não se interessou pelo sábio tratado: foi preciso esperar 23 anos, até 1566, para que ele fosse reimpresso” (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391. Do mesmo modo: Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 451; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506). Salvo melhor juízo, Febvre, Martin e Hale se referem então à reedição da obra em Nuremberg.

tante.¹⁰⁸ O matemático e astrônomo puritano Thomas Digges (c. 1546-1596) difundiu e ampliou¹⁰⁹ foi o difusor da teoria copernicana na Inglaterra fora dos “círculos dos astrônomos”,¹¹⁰ indo além dele em suas teorias.¹¹¹ Na realidade, entre os protestantes havia maior tolerância para as novas correntes de pensamento (Lembre-nos de Descartes e Espinosa).¹¹² Galileu quando adotou a teoria de Copérnico foi denunciado ao Santo Ofício que reafirmou o geocentrismo. Com o recuo parcial de Galileu (26/02/1616),¹¹³ no dia 03/3/1616, é promulgado o decreto de condenação das obras de Copérnico, Kepler e Galileu (26/02/1616).¹¹⁴ Como nos lembra

¹⁰⁸ Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 123. Febvre e Martin, dizem: “O público quase não se interessou pelo sábio tratado: foi preciso esperar 23 anos, até 1566, para que ele fosse reimpresso” (Lucien Febvre & Henry-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, São Paulo: Hucitec., 1992, p. 391. Do mesmo modo: Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 451; John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 506). Salvo melhor juízo, Febvre, Martin e Hale se referem então à reedição da obra em Nuremberg.

¹⁰⁹ Cf. Ver Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 43ss.; R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 36.

¹¹⁰ Cf. Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 203; Giovanni Reale & Dario Antiseri, *História da Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1990, Vol. II, p. 227; R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 172; Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 31ss.

¹¹¹ “A idéia de um Universo infinito veio a ser aceita na Inglaterra basicamente em função do trabalho desenvolvido por Digges; todos os cientistas admitiram a necessidade de as teorias serem continuamente testadas através da observação e experimentação, motivo pelo qual as brilhantes especulações metafísicas de um Giordano Bruno tiveram uma influência relativamente pequena na Inglaterra.” (Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 32-33). Ver: Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 47, 49.

¹¹² Ver: Hermisten M.P. Costa, A Propósito dos 300 anos da Morte de Vieira: Reflexões Fortuitas sobre a sua vida e obra: In: *Fides Reformata* 2/2 (1997) 35-60.

¹¹³ Galileu seria interpelado posteriormente. No dia 22 de junho de 1633, em Roma, “Galileu em traje de penitência e de joelhos diante dos cardeais da Congregação, pronuncia a abjuração pública: ‘com coração sincero e fé não fingida abjuro, condeno e detesto os referidos erros e heresias [...] e juro que no futuro nunca mais direi nem sustentarei, por palavra ou por escrito, coisas dessa espécie pelas quais se possa ter a meu respeito tal suspeita, mas se ficar sabendo de algum herege ou que seja suspeito de heresia, denunciá-lo-ei a este S. Ofício.’” (Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 184). Galileu transforma-se num presidiário herege e um alcagüete em potencial. Mesmo com sua retratação Galileu foi condenado à prisão domiciliar pelo resto de seus dias (Cf. Hal Hellman, *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*, São Paulo: UNESP., 1999, p. 21).

¹¹⁴ *Inter alia* Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 163-164; Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 679. “Em 1616, a Igreja baniu todos os livros que advogavam a realidade do movimento da Terra. Nenhuma simples generalização descreverá a influência opressiva da Igreja sobre a ciência, porque a influência alterava-se com a situação mutável da Igreja.” (Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 123. Do mesmo modo, p. 208). “É um fato curioso que quando Galileu foi sentenciado ao confinamento na masmorra da Inquisição, por um período indeterminado, por ter defendido o sistema de Copérnico, foi obrigado a repetir como penitência estes sete Salmos Penitenciais [6,32,38,51,102,130 e 143], a cada semana, por três anos; pelo quê, a intenção indubitável era arrancar dele a confissão de sua culpa e o reconhecimento da retidão de sua sentença.” [Nota de James Anderson ao Comentário de Calvino: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1999, Vol. 2, (SI 38), p. 175]. Ver também: Felipe Fernán-

Hill, Galileu só pôde desenvolver as suas idéias publicamente em países protestantes.¹¹⁵ Até o século XVIII todas as obras que defendiam o sistema copernicano permaneciam no *Index*.¹¹⁶ Este instrumento era tão temido que o físico e matemático jesuíta R.R. Giuseppe Boscovich (1711-87), entre outros, em meados do século XVIII – vivendo “no ambiente corrupto e conformista da corte papal”¹¹⁷ – sendo copernicano, adotava uma “duplicidade epistemológica” ou, um “ambíguo conformismo” em suas obras. Deste modo, eufemisticamente poderíamos dizer que “em Roma, a tese copernicana é rejeitada apenas em homenagem à autoridade da Igreja”.¹¹⁸ Deve ser lembrado que a aceitação ou não das teorias de Copérnico não estava simplesmente relacionada à religião ou a ignorância das pessoas. Mesmo entre os astrônomos, Copérnico não foi uma unanimidade.¹¹⁹

Contrastando a atitude protestante com a católica, destaca Eisenstein:

“Convém frisar que é equivocada a prática, tão comum, de tratar as *declarações* anti-Copérnico, feitas por protestantes do século XVI, como se fossem equivalentes às *medidas* anti-Copérnico tomadas pelos católicos do século XVII. Um texto de grande circulação, escrito para uso de estudantes universitários, por exemplo, dá a seus leitores a impressão errônea de que o desprezo de Lutero por Copérnico acabou ‘sufocando’ a revolução científica na Alemanha (apesar dos êxitos de Rheticus, Reinhold, Maestlin e Kepler!). As declarações teológicas não representam a mesma modalidade de resistência às mudanças, que é tipificada nas medidas tomadas para impedir uma publicação. Estas ameaçavam a vida da ciência, ao contrário das primeiras”.¹²⁰

Ilustrando a sua tese, exemplifica:

“Embora os teólogos, tanto protestantes como católicos, tenham adotado uma posição muito próxima (tanto uns como outros atribuíam uma condição hipotética

des-Armesto & Derek Wilson, *Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000*, Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 48.

¹¹⁵ Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 43.

¹¹⁶ Cf. Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 42. Vejam-se alguns exemplos de condenação in: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 160ss. Por outro lado, segundo Fernândes-Armesto e Wilson, “Salamanca foi a única universidade européia onde as teorias de Copérnico chegaram aos programas dos cursos no século XVI.” (Felipe Fernândes-Armesto & Derek Wilson, *Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000*, Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 379). No entanto, deve ser observado que ainda que os Estatutos da Universidade de Salamanca (1561) determinassem que o curso de Matemática deveria abranger Euclides, Ptolomeu ou Copérnico, a critério dos alunos, Copérnico quase nunca foi escolhido. (Cf. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 127).

¹¹⁷ Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 149.

¹¹⁸ Paolo Casini, *Newton e a Consciência Européia*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 155. Ver: p. 147ss.

¹¹⁹ Ver por exemplo: Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 124-126.

¹²⁰ Elisabeth L. Eisenstein, *A Revolução da Cultura Impressa: Os primórdios da Europa Moderna*, São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 252.

e provisória às teorias geocinéticas e negaram que o movimento da Terra pudesse constituir algo mais que uma ficção útil), os astrônomos editores protestantes não se sentiram impedidos de rejeitar aquela posição, o que constitui um nítido contraste com a atitude católica, depois que o papa condenou a teoria de Copérnico, em 1616.

“Já antes mesmo da condenação de 1616, e mesmo após os vários pronunciamentos de Lutero e Melanchton, os editores católicos faziam menos que os protestantes para promover a causa copernicana”.¹²¹

Quanto à teoria de Copérnico, Hooykaas (1906-1994) admite que avaliando-a pelos seus próprios méritos “a opção mais sensata àquela época seria considerar a hipótese do movimento da Terra não como um dogma científico, mas tão-somente uma teoria muito provável (como o fizeram Beeckman e Pascal)”.¹²²

5) Calvino, e a sua Perspectiva de Mundo:

A) AS CIÊNCIAS:

Calvino ao longo dos séculos tem sido alvo dos mais hostis ataques resultantes: a) da não aceitação do seu pensamento, o que é perfeitamente natural considerando como um sistema de pensamento passível de críticas e objeções; b) da não compreensão de suas idéias pela falta de estudo dos seus próprios trabalhos, o que é grave considerando a seriedade da atividade e, simplesmente, em parte decorrentes deste ponto; c) fruto de lendas que são criadas e transmitidas geração após geração. Uma delas diz respeito à suposta declaração de Calvino: “Quem irá se aventurar a colocar a autoridade de Copérnico acima da autoridade do Espírito Santo?”. Os eruditos McGrath e Hooykaas mostram que esta frase atribuída a Calvino – que vem sendo repetida irresponsavelmente –, foi forjada no século XIX pelo deão anglicano F.W. Farrar (1831-1903).¹²³ De fato, o respeitado cientista Thomas Kuhn (1922-1996), cita as palavras atribuídas a Calvino respaldando-se em fontes secundárias.¹²⁴ Cita também Lutero – que, numa conversa informal teria chamado Copér-

¹²¹ Elisabeth L. Eisenstein, *A Revolução da Cultura Impressa: Os primórdios da Europa Moderna*, p. 252-253.

¹²² Christopher Hill, *Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*, p. 174.

¹²³ Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 14-15 e R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 157-158. Ver F.W. Farrar, *History of Interpretation*, London: Macmillan and Co., 1886, p. XVIII (Edição fac-simile feita pela Kessinger Publishing). Do mesmo modo: Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 73, 74,75.

¹²⁴ A sua fonte é a obra de Andrew D. White, *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*, New York: Appleton, 1896, Vol. 1, p. 127. (Ver: Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 306). Este, por sua vez baseou-se em Farrar (Cf. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 157). Do mesmo modo, Bertrand Russell embarca nesta lenda sem citar fontes (Bertrand Russel, *Religion and Science*, New York/Oxford: Oxford University Press, (1935), 1997,

nico de “tolo” (*Narr*) – e Melanchton usando igualmente fontes secundárias.¹²⁵ A partir daí, Kuhn, cometendo uma petição de princípio começa a desenvolver teorias a respeito do porquê os protestantes combateram a teoria de Copérnico.¹²⁶ Indo ainda mais longe, Kuhn supõe que a Igreja romana combateu as teorias de Copérnico por causa da pressão protestante, estando a igreja fragilizada pelas reformas internas.¹²⁷

O fato é que dentro da documentação disponível, podemos afirmar que Calvino nunca citou Copérnico. Que a sua concepção do universo seja geocêntrica, isso é natural.¹²⁸ Como poderia ser diferente se os próprios astrônomos tiveram dificuldade de aceitar as concepções de Copérnico?¹²⁹ A sua questão não era exegética, antes, de simples senso comum.¹³⁰ É bem provável que ele conhecesse as teorias de Copérnico¹³¹ contudo, jamais o menciona. A sua exposição bíblica quando esbarra na questão do movimento da Terra reflete uma compreensão “pré-copernicana”,¹³²

p. 23; Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 48-49.

¹²⁵ Compare as mesmas citações e o seu peso segundo a análise de R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 158-159. *Inter alia* Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 448; Edward Rosen, *Copernicus and the Scientific Revolution*, Malabar, Florida: Robert E. Krieger Publishing Co., 1984, p. 119-120; 182-184.

¹²⁶ Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 210ss. Como exemplo, o autor diz: “Os líderes protestantes, como Lutero, Calvino e Melanchthon foram os que mais citaram a Escritura contra Copérnico e exigiram a repressão contra os copernicanos” (p. 212). O autor só não demonstra a sua tese. Paolo Rossi, que sabiamente se valeu de Hooykaas, mesmo não observando devidamente o princípio da acomodação de Calvino, não caiu na armadilha de colocar Calvino citando Copérnico (Vd. Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 122; Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos: aspectos da Revolução Científica*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 100).

¹²⁷ Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 214.

¹²⁸ Veja-se, por exemplo: Juan Calvino, *La Majestad de Dios*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 11), (Job 25.1-6), p. 135.

¹²⁹ Ver: Thomas Kuhn, *A Revolução Copernicana*, p. 201ss.; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, p. 124-126; Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI*, Lisboa: Editorial Início, 1970, p. 450.

¹³⁰ Ver o seu comentário: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 19.4-6), especialmente, p. 420-421. *Inter alia* R. Hooykaas, *The Reception of Copernicanism in England and the Netherlands*. In: *The Anglo-Dutch Contribution to the Civilization of Early Modern Society: An Anglo-Netherlands Symposium*, London: British Academy by Oxford University Press, 1976, p. 34; B.A. Gerrish, *The Reformation and the Rise of Modern Science*. In: Jerald C. Brauer, ed., *The Impact of the Church upon its Culture*, Chicago: The University of Chicago Press, 1968, Vol. 2, p. 261,264; Edwin A. Burt, *The Metaphysical Foundations of Modern Science*, 2ª ed. Revised, New York: Doubleday & Company, 1932, p. 36ss.; John Dillenberger, *Protestant Thought & Natural Science: A Historical Interpretation*, London: Collins, 1961, p. 29ss.

¹³¹ Ou não (Ver: James Orr, *Calvin's Attitude Towards and Exegesis of the Scriptures*. In: R.E. Magill, ed., *Calvin Memorial Addresses*, Richmond VA.: Presbyterian Committee of Publication, 1909, p. 97; B.A. Gerrish, *The Reformation and the Rise of Modern Science*. In: Jerald C. Brauer, ed., *The Impact of the Church upon its Culture*, Chicago: The University of Chicago Press, 1968, Vol. 2, p. 261).

¹³² Ver: John Calvin, *Sermon on 1 Cor. 10-19-24*, Ioannis Calvini Opera quae supersunt omnis, 49:677, in *Corpus Reformatorum*, ed. By Baum, Cunitz and Reuss (Brunswick and Berlin, 1863-1900).

que era a dominante no século XVI, seguindo a teoria de Ptolomeu [Claudius Ptolemaeus (87-150 A.D)] que, sem dúvida foi o astrônomo que mais exerceu influência na antiguidade. A bem da verdade, esta questão era extremamente periférica em sua teologia. Para Calvino, o que importava – e aqui não há nenhum juízo de valor –, é que o mundo foi criado por Deus e que fomos colocados nele para glorificar ao Criador e Senhor de todas as coisas.¹³³ Deus é o Criador e preservador de toda a Criação. Comentando Jr 10.12, escreve: “o centro da terra não é a parte principal de criação; segue conseqüentemente que a Terra foi suspensa no ar, porque agradou Deus fazê-lo”.¹³⁴ Expondo Is 40.22: “A Terra não permanece firme e permanentemente em seu lugar por qualquer outro motivo senão porque está sustentada pelo poder de Deus”.¹³⁵

Calvino era na realidade fascinado com a Criação de Deus, entendendo que nela vemos aspectos da Glória do Criador, sendo o homem o ponto mais magnífico: Comentando o salmo 8, escreve de forma extasiada: “Existe diante de nossos olhos, em toda a ordem da natureza, os mais ricos elementos a manifestarem a glória de Deus, mas, visto que somos inquestionavelmente mais poderosamente afetados com o que nós mesmos experimentamos, Davi, neste Salmo, com grande propriedade, expressamente celebra o favor especial que Deus manifesta no interesse da humanidade. Posto que este, de todos os objetos que se acham expostos à nossa contemplação, é o mais nítido espelho no qual podemos contemplar sua glória”.¹³⁶ Portanto, cabe ao homem apreciar e estudar a natureza visto que nela temos refletida o espelho da sabedoria divina: “Nas coisas que Ele criou, Deus, portanto, mantém diante de nós nítido espelho de sua esplendorosa sabedoria. Em resultado, qualquer indivíduo que desfrute de pelo menos uma minúscula fagulha de bom senso, e atenta para a terra e outras obras divinas, se vê aturdido por candente admiração por Deus. Se os homens chegassem a um genuíno conhecimento de Deus, pela observação de suas obras, certamente que viriam a conhecer a Deus de uma forma sábia, ou daquela forma de adquirir sabedoria que lhes é natural e apropriada”.¹³⁷ Em outro lugar: “Em toda a arquitetura de seu universo, Deus nos imprimiu uma clara evidência de sua eterna sabedoria, munificência e poder; e embora em sua própria natureza nos seja ele invisível, em certa medida se nos faz visível em suas obras. O mundo, portanto, é com razão chamado o espelho da divindade, não porque haja nele suficiente clareza para que os homens alcancem perfeito conhecimento de Deus, só pela contemplação do mundo, mas porque ele se faz conhecer aos incrédulos de tal maneira que tira deles qualquer chance de justificarem sua ignorância.

Apud Robert White, *Calvin and Copernicus: The Problem Reconsidered*: In: *Calvin Theological Journal*, Vol. 15, Nº 2, November de 1980, p. 236-237.

¹³³ “Sabemos que somos postos sobre a terra para louvar a Deus com uma só mente e uma só boca, e que esse é o propósito de nossa vida” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, (Sl 6.5), Vol. 1, p. 129]. Vd. também, *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*, Perg. 1: In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires, La Aurora, 1962.

¹³⁴ John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. IX/2, (Jr 10.12), p. 34.

¹³⁵ John Calvin, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. VIII/1, (Is 40.22), p. 227.

¹³⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.1), p. 157.

¹³⁷ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.21), p. 62.

(...) O mundo foi fundado com esse propósito, a saber: para que servisse de palco à glória divina”.¹³⁸ O mundo foi criado para a felicidade do homem: “O mundo foi originalmente criado para este propósito, que todas as partes dele se destinem à felicidade do homem como seu grande objeto”.¹³⁹ As ciências, portanto, nos ajudam a compreender o poder e a sabedoria de Deus revelados na criação: “Por isso que no conhecimento de Deus está posto o fim último da vida bem-aventurada, para que a ninguém cerrado fosse o acesso à felicidade, não só implantou Deus na mente humana essa semente de religião¹⁴⁰ a que temos nos referido, mas ainda de tal modo se há revelado em toda a obra da criação do mundo, e cada dia meridianamente se manifesta que não podem eles abrir os olhos sem serem forçados a contempla-LO (...). Essa a razão porque, com finura e arte, o autor da Epístola aos Hebreus (11.3) chama aos mundos de expressões visíveis das cousas invisíveis, já que essa ordem tão admiravelmente estruturada do universo nos serve de espelho em que se possa contemplar ao Deus de outra sorte invisível. (...) Inumeráveis são, tanto no céu quanto na terra, as evidências que Lhe atestam a mirífica sabedoria. Não apenas aquelas cousas mais recônditas, a mais penetrante observação das quais se destinam a astronomia, a medicina e toda a ciência natural, senão também aquelas que saltam à vista de qualquer um, ainda o mais inculto ignorante, de sorte que nem se lhes possam os olhos abrir que lhes não sejam forçados a ser testemunhas”.¹⁴¹ (Grifos meus).

McGrath comentando esta última passagem diz que Calvino “louva tanto a astronomia quanto a medicina – na verdade, ele até mesmo confessa ser um pouco invejoso delas – pelo fato delas serem capazes de uma investigação mais profunda sobre o mundo natural e, assim, revelar em evidências mais detalhadas a ordem da criação e a sabedoria do Criador. A idéia de que Calvino menosprezava Copérnico é um absoluto mito....”.¹⁴²

Mesmo sem escapar do mito supracitado a respeito de Calvino e Copérnico, Wortmann, compreende bem esta questão:

“Calvino condenava aqueles que negligenciavam o estudo da natureza tanto quanto aqueles que, ao estudarem as obras de Deus, esqueciam o Criador. A ciência para ele, conduziria a um melhor conhecimento de Deus, e ele se referia não à contemplação piedosa da natureza, mas à atitude experimental/empírica que constituiria a ciência em seu sentido moderno.

¹³⁸ João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 11.3), p. 300-301.

¹³⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I, (Sl 8.6), p. 172.

¹⁴⁰ Posteriormente (1651) Thomas Hobbes (1588-1679) usaria essa mesma expressão: “Verificando que só no homem encontramos sinais, ou frutos da *religião*, não há motivo para duvidar que a semente da *religião* se encontra também apenas no homem, e consiste em alguma qualidade peculiar, ou pelo menos em algum grau eminente dessa qualidade, que não se encontra em outras criaturas vivas.” [Thomas Hobbes, *Leviatã*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIV), 1974, p. 69].

¹⁴¹ João Calvino, *As Institutas*, Campinas, SP/São Paulo: Luz para o Caminho/Casa Editora Presbiteriana, 1985, I.5.1-2.

¹⁴² Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, p. 287.

“Se o catolicismo e o luteranismo toleravam a ciência, o calvinismo a demandava, no mesmo espírito de independência, em face da autoridade que caracterizava seu pensamento teológico”.¹⁴³

Ilustrando isso, vemos que na segunda metade do século XVII o sistema de Copérnico era estudado criteriosamente na Academia de Genebra. “São examinadas todas as objeções feitas a este sistema e são refutadas com cuidado, especialmente o argumento teológico, tirado de passagens da Santa Escritura que supõe, ao leitor, uma concepção geocêntrica do universo”, diz um antigo professor da Universidade de Genebra, Charles Borgeaud (1861-1941).¹⁴⁴

B) O HUMANISMO DE CALVINO:

A primeira obra escrita por Calvino (1509-1564)¹⁴⁵ foi publicada com seus próprios recursos: a edição comentada do livro de Sêneca, *De Clementia* (4 de abril de 1532) – “o principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino”, diz McNeill;¹⁴⁶ “Sólido trabalho de um humanista muito jovem e já brilhante”, comenta Boisset;¹⁴⁷ um “erudito de primeira linha”, acrescenta Parker.¹⁴⁸ Nesse trabalho – do qual uma cópia foi enviada a Erasmo –, o então jovem autor (23 anos), já revelava o seu gosto literário, erudição,¹⁴⁹ amplo conhecimento da literatura grega e romana, uma perspectiva sóbria e um estilo próprio de análise – que fora lapidado dentro de uma análise filológica e literária da melhor qualidade – que se tornaria uma de suas marcas em seus comentários bíblicos.¹⁵⁰ Já nesse trabalho pioneiro, Calvino parece desafiar o soberano, quando define o tirano como aquele que “go-

¹⁴³ Klaas Woortmann, *Religião e Ciência no Renascimento*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997, p. 80-81.

¹⁴⁴ Charles Borgeaud, *Historie de l'Université de Genève: L'Académie de Calvin – 1559-1798*. Genève: Georg & Co: Libraires de L'Université, 1900, p. 416.

¹⁴⁵ Não consideramos aqui o prefácio de Calvino ao trabalho de seu amigo Nicholas Duchemin, *Antapologia*, (6/3/1531).

¹⁴⁶ John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, New York: Oxford University Press, 1954, p. 104.

¹⁴⁷ Jean Boisset, *História do Protestantismo*, p. 57.

¹⁴⁸ T.H.L. Parker, *Portrait of Calvin*, London: SCM Press, 1954, p. 19.

¹⁴⁹ George a denomina de “Obra-prima de erudição”. (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 171).

¹⁵⁰ Vd. B.B. Warfield, *Calvin and Calvinism*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (The Work's of Benjamin B. Warfield), 1981, Vol. V, p. 4; Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 171; Alister C. McGrath, *The Intellectual Origins of the European Reformation*, Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995 (reprinted), p. 54; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, Campinas, SP., Luz para o Caminho, 1985, p. 141ss.; Ronald S. Wallace, *Calvin, Geneva and the Reformation*, Grand Rapids, Michigan/Edinburgh, UK.: Baker Book House/Scottish Academic Press, 1990, p. 5; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores*, p 109; P. Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (1931), Vol. I, p. 424-425; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 308-309; Moisés Silva, Em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à Hermenêutica Bíblica*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246-247.

verna contra a vontade de seu povo”,¹⁵¹ revelando, ainda que embrionariamente a sua ousadia, que tão bem caracterizará a sua vida como pregador, escritor e administrador. Esta perspectiva humanista vai ser o fator determinante na sua aproximação pedagógica.¹⁵²

Podemos dizer no sentido mais pleno da palavra que Calvino (1509-1564) era um genuíno humanista, estando profundamente interessado pelo ser humano.

C) O CONCEITO DE GRAÇA COMUM E SUAS IMPLICAÇÕES CULTURAIS:

Conforme já estudamos, Calvino dispunha de uma visão ampla da cultura, entendendo que Deus é Senhor de todas as coisas; por isso, toda verdade é verdade de Deus. Esta perspectiva amparava-se no conceito da “Graça Comum” ou “Graça Geral” de Deus sobre todos os homens .

D) O PRINCÍPIO DA ACOMODAÇÃO:

Para Calvino, a “Revelação é um ato de condescendência divina.”¹⁵³ Calvino entendia que Deus, na Sua Palavra, “se acomodava à nossa capacidade”,¹⁵⁴ balbuciando a Sua Palavra a nós como as mães fazem com as crianças.¹⁵⁵

¹⁵¹ John T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo*, Buenos Aires: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, [1956], Vol. II, p. 210. “Muitas farpas que disparava tinham em vista a ordem estabelecida, a Igreja e a escolástica” (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante*, São Paulo: Quadrante, 1996, p. 367-368). Mais tarde, comentando o Salmo 45, Calvino faria uma crítica aos reis de sua época que governam pela força e não pela persuasão dos argumentos: “Quão manifestamente isso reprova a pobreza de espírito dos reis de nossos dias, por quem é considerado como derogatório de sua dignidade dialogar com seus súditos e empregar a censura a fim de assegurar sua submissão; mas qual? exibem um espírito de bárbara tirania, buscando antes compeli-los pela força do que persuadi-los com humanidade; e em preferir antes abusar deles, como se fossem escravos, do que governá-los por leis e com justiça como pessoas tratáveis e obedientes” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 45.2), p. 307].

¹⁵² Cf. W. Stanford Reid, *Calvin and the Founding of the Academy of Geneva*: In: *Westminster Theological Journal*, 18, (1955), p. 4.

¹⁵³ Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 210. Do mesmo modo: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 155.

¹⁵⁴ J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 2.7), p. 82. “Não podemos compreender plenamente a Deus em toda a sua grandeza, mas que há certos limites dentro dos quais os homens devem manter-se, embora Deus acomode à nossa tacanha capacidade toda declaração que faz de si mesmo. Portanto, somente os estultos é que buscam conhecer a essência de Deus.” [João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 1.19), p. 64]. “O Espírito Santo propositadamente acomoda ao nosso entendimento os modelos de oração registrados na Escritura.” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265]. “Porque se viesse a nós em Sua majestade estaríamos perdidos; porém quando Se nos apresenta por meio de homens se acomoda a nossas debilidades para que possamos conhecer mais convenientemente sua verdade a qual Ele nos propõe.” [Juan Calvino,

Ou seja: Deus adapta-se à linguagem humana visando ser compreendido.¹⁵⁶ “... Deus, acomoda-se ao nosso modo ordinário de falar por causa de nossa ignorância, às vezes também, se me é permitida a expressão, gagueja”.¹⁵⁷ Resumindo: “Em Cristo, Deus, por assim dizer, tornou-se pequeno, para acomodar-se à nossa compreensão”.¹⁵⁸ Portanto, quando lemos as Escrituras, “somos arrebatados mais pela dignidade do conteúdo que pela graça da linguagem.”¹⁵⁹ Calvino observa, contudo,

Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 17), p. 212]. Quando Deus se compara a um homem embriagado, assumindo um caráter estranho ao Seu, Calvino diz que Ele se acomoda “à estupidez do povo” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 3, (Sl 78.65), p. 241]. “Este é aquele arrependimento tão amiúde referido nas Escrituras. Não que Deus seja em si mutável, mas Ele usa a linguagem humana para que sejamos afetados com o mais profundo senso de sua ira” [J. Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 106.23), p. 685]. “O Espírito Santo não teve intenção de ensinar astronomia; e, com o propósito de instruir procurou ser comum às pessoas mais simples e iletradas”. [John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin’s Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (Sl 136.7), p. 184]. Veja-se: James Orr, *Ciência e Fé Cristã*: In: R.A. Torrey, ed. *Os Fundamentos*, (Edição atualizada por L. Feinberg). São Paulo: Hagnos Editora, 2005, p. 129-139. Ver também: Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: Volume 1: Prolegomena*, Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2003, p. 214.

¹⁵⁵ Calvino usou deste recurso hermenêutico para explicar assuntos aparentemente contraditórios na Bíblia. Falando sobre os antropomorfismos bíblicos, diz em lugares diferentes: “Pois quem, mesmo que de bem pouco entendimento, não percebe que Deus assim conosco fala como que a balbuciar, como as amas costumam fazer com as crianças? Por isso, formas de expressão que tais não exprimem, de maneira clara e precisa, tanto quê Deus seja, quanto Lhe acomodam o conhecimento à paucidade da compreensão nossa. Para que assim se dê, necessário Lhe é descer muito abaixo de Sua excelsitude.” (J. Calvino, *As Institutas*, I.13.1). “A descrição que dEle se nos outorga tem de acomodar-se-nos à capacidade, para que seja de nós entendida. Esta é, na verdade, a forma de acomodar-se: que tal se nos represente, não qual é em Si, porém, qual é possível de ser de nós apreendido.” (J. Calvino, *As Institutas*, I.17.13). Ver também: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265; Vol. 2, (Sl 50.14), p. 409; Vol. 3, (Sl 78.65), p. 241; (Sl 91.4), p. 447; (Sl 93.2), p. 474; (Sl 106.23), p. 685; *As Institutas*, I.14.3,11; I.16.9; IV.17.11; *As Institutas*, (1541) III.8. Deste princípio derivado da Retórica (Cf. Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 154ss.) ele tirou um princípio pedagógico: “Um sábio mestre tem a responsabilidade de acomodar-se ao poder de compreensão daqueles a quem ele administra o ensino, de modo a iniciar-se com os princípios rudimentares quando instrui os débeis e ignorantes, não lhes dando algo que porventura seja mais forte do que podem suportar” [J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 3.1), p. 98-99]. Hooykaas sustenta que a “teoria da acomodação de Calvino” exerceu poderosa influência sobre os astrónomos protestantes (Ver: R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 160ss.; Alister E. McGrath, *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 210. Em que pese o marxismo do autor, veja-se a obra publicada recentíssimamente em português de Christopher Hill, *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43ss).

¹⁵⁶ Ver: Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 154ss.

¹⁵⁷ John Calvin, *Commentary on the Gospel According to John*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin’s Commentaries, Vol. XVIII), 1996 (Reprinted), (Jo 21.25), p. 299.

¹⁵⁸ John Calvin, *Calvin’s Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996 (Reprinted), Vol. XXII, (1Pe 1.21), p. 54.

¹⁵⁹ J. Calvino, *As Institutas*, I.8.1. Calvino, continua: “Ora, e não sem a exímia providência de Deus isto se faz, que sublimes mistérios do reino celeste fossem, em larga medida transmitidos em termos de linguagem apoucada e sem realce, para que houvessem eles de ser adereçados em mais esplendorosa eloquência, os ímpios não alegassem cavilosamente que a só força desta aqui impera.

“Agora, quando essa não burilada e quase rústica simplicidade provoca maior reverência de si que qualquer eloquência de retóricos oradores, que é de julgar-se, senão que a pujança da verdade

que sempre os homens procuram uma desculpa para a sua impiedade: “Se Deus, acomodando-se à tacanha capacidade dos homens, fala num estilo humilde e acessível, esse método de ensino é desprezado como simples demais; porém, se ele se manifesta num estilo mais elevado, com vistas a imprimir maior autoridade à sua Palavra, os homens, com o intuito de eximir-se de sua ignorância, dirão que ela é obscura demais. Como esses dois vícios são por demais prevaletentes no mundo, o Espírito Santo assim tempera seu estilo, para que a sublimidade das verdades que ele ensina não fique oculta daqueles que porventura sejam de uma capacidade mais débil, contanto que sejam de uma disposição submissa e dócil e tragam consigo um desejo solícito de ser instruídos.”¹⁶⁰ Esses pontos tornam o homem inescusável e realçam a relevância das Escrituras para a vida cristã. Ele diz: “Ora, primeiro, com Sua Palavra nos ensina e instrui o Senhor; então, com os sacramentos no-la confirma; finalmente, com a luz de Seu Santo Espírito a mente nos ilumina e abre acesso em nosso coração à Palavra e aos sacramentos, que, de outra sorte, apenas feririam os ouvidos e aos olhos se apresentariam, mas, longe estariam de afetar-nos o íntimo.”¹⁶¹ Aqui temos um paradoxo: A Palavra acomodatória de Deus permanece, entretanto, como algo misterioso para os que não crêem ou que desejam entendê-la por sua própria sabedoria pois, os “tesouros da sabedoria celestial”, acham-se fora “do alcance da cultura humana.”¹⁶² Todos somos incapazes de entender os “mistérios de Deus” até que Ele mesmo por Sua graça nos ilumine.¹⁶³ “A Palavra de Deus é uma espécie de sabedoria oculta, a cuja profundidade a frágil mente humana não pode alcançar. Assim, a luz brilha nas trevas, até que o Espírito abra os olhos ao cego.”¹⁶⁴ “De nenhum efeito é a Palavra sem a iluminação do Espírito Santo.”¹⁶⁵ “Se Deus nos ilumina pelo Seu Espírito Santo, nós julgaremos a doutrina e discerniremos de tal maneira que não poderemos ser enganados por nenhuma de todas as tentações de Satanás.”¹⁶⁶ “Da mesma forma, ‘a Palavra’ não pode ser separada ‘do Espírito’, como imaginam os fanáticos, que, desprezando a palavra, ufanam-se do nome do Espírito, e incrementam coisas, como confidenciais, em suas próprias imaginações. É o espírito de Satanás que é separado da palavra, a qual o Espírito de Deus está continuamente unido.”¹⁶⁷ Portanto, quando o Espírito aplica a Palavra ao nosso coração, Ele produz a sua boa obra em nós, gerando a fé salvado-

da Sagrada Escritura tão sobranceira se estadeia, que não necessite do artifício das palavras?” (J. Calvino, *As Institutas*, I.8.1).

No entanto, ele também entendia que “alguns Profetas têm um modo de dizer elegante e polido, até mesmo esplendoroso, assim que a eloquência lhes não cede aos escritores profanos.” (J. Calvino, *As Institutas*, I.8.2).

¹⁶⁰ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 78.3), p. 198.

¹⁶¹ J. Calvino, *As Institutas*, IV.14.8. Vd. também J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 10.16), p. 373-374.

¹⁶² J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 16.21), p. 522.

¹⁶³ Cf. João Calvino, *As Institutas*, II.2.21.

¹⁶⁴ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 2.11), p. 89.

¹⁶⁵ João Calvino, *As Institutas*, III.2.33.

¹⁶⁶ Juan Calvino, *Autoridad y Reverencia que Debemos a la Palabra de Dios*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 17), p. 208.

¹⁶⁷ John Calvin, *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, (Calvin's Commentaries), 1996, Vol. VIII/4, (Is 59.21), p. 271.

ra que se direciona para Cristo e para os feitos de Sua redenção.¹⁶⁸

Hooykaas sustenta que “a teoria da acomodação de Calvino exerceu uma considerável influência sobre os astrônomos seguidores de Copérnico nos países protestantes.”¹⁶⁹

6) A Moderna Ciência Moderna – “O Deus Desnecessário”:

I. Kant (1724-1804) – de quem voltaremos a falar –, ilustrou bem o espírito “pós-moderno” na sua famosa definição de Iluminismo. Em 1784, num artigo para uma revista, Kant se perguntou: “O Que é o Iluminismo?”. Ele respondeu:

“O Iluminismo é a emancipação de uma menoridade que só aos homens se devia. Menoridade é a incapacidade de se servir do seu próprio intelecto sem a orientação de um outro. Só a eles próprios se deve tal menoridade se a causa dela não for um defeito do intelecto mas a falta de decisão e de coragem de se servir dele sem guia. 'Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio intelecto!' é o lema do Iluminismo”.¹⁷⁰

Mais tarde, em 1793, Kant escreveria um livro, que caracterizaria bem o pensamento iluminista, *A Religião dentro dos Limites da Simples Razão*.¹⁷¹

Essa “maioridade” foi saudada jubilosamente por Nietzsche (1844-1900), que em 1882 escreveu:

“O mais importante dos eventos mais recentes – que 'Deus morreu', que a crença no Deus cristão se tornou indigna de crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa... Na realidade, nós, os filósofos e 'espíritos livres' sentimo-nos irradiados como por uma nova aurora pelo relatório de que o 'velho Deus está morto'; nossos corações transbordam de gratidão, de assombro, de pressentimento e de expectativa. Finalmente, parece que o horizonte está aberto de novo, ainda que reconheçamos que não está brilhante; nossos navios podem finalmente sair para o mar aberto, enfrentando todo o perigo; todo risco é permitido outra vez para quem tiver discernimento; o mar, o nosso mar, mais uma vez fica aberto diante de nós, talvez nunca existisse antes semelhante

¹⁶⁸ Vd. G. Hendriksen, *El Evangelio Segun San Juan*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1981, (Jo 17.20), p. 636.

¹⁶⁹ R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 160.

¹⁷⁰ E. Kant, Que es la Ilustracion?. In: E. Kant, *Filosofía de la Historia*, 3ª reimpressão, México, Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 25.

¹⁷¹ Edição brasileira. I. Kant, *A Religião Dentro dos Limites da Simples Razão*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XXV), 1974, p. 367-389.

'mar aberto'.¹⁷²

Zilles comenta:

“A partir da morte de Deus tudo é reavaliado. A terra ocupa lugar de deus. Convencendo-se de que Deus morreu, o homem se abre livremente para suas possibilidades. No lugar do Deus cristão e do reino das idéias platônicas põe a terra. Após a morte de Deus, o homem fala para o homem, invocando sua possibilidade suprema: o super-homem”.¹⁷³

Prevalece a compreensão de que o homem, por meio de sua razão, é a lei para si mesmo; é ele quem se governa não um outro (heteronomia).¹⁷⁴ Kant (1724-1804), assim escreveu: “Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças a qual ela é para si mesma a sua lei.... Pela simples análise dos conceitos da moralidade pode-se, porém, mostrar muito bem que o citado princípio da autonomia é o único princípio da moral”.¹⁷⁵ Neste caso, ser autônomo é ser regido única e exclusivamente pelas suas próprias leis as quais são ditadas pela toda-suficiente razão.

Tillich (1886-1965), assim define este conceito: “Representa a vida humana vivida segundo a lei da razão em todos os aspectos da atividade espiritual (...). Para os indivíduos, autonomia é a coragem de pensar; coragem de se valer dos próprios poderes racionais”.¹⁷⁶

O conceito de Revelação, portanto, como algo estranho e independente da razão é algo ofensivo ao Iluminismo. Para o Iluminismo a admissão da Revelação como algo independente da razão e mesmo contrário a ela, era impossível de ser aceito. Este tipo de heteronomia necessitava ser refutado, Como resume McGrath: “Afirmar a prioridade da revelação é, em última análise, afirmar que Deus é a autoridade suprema sobre Deus, sem considerar o quanto isso é humilhante para as autodeclaradas autoridades humanas no assunto”.¹⁷⁷ Dentro deste espírito, a tradição é rejeitada. Esta não pode pretender rivalizar com a razão em seu domínio. A razão é quem lhe pode conferir o direito de existir; mas ela, coerente com seus princípios autôno-

¹⁷² Friedrich Nietzsche, *The Joyful Wisdom*, p. 275, *Apud* Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 94. Vd. Hermisten M.P. Costa, *Deus em Nietzsche*, São Paulo: 1996, 12 p.

¹⁷³ Urbano Zilles, *Filosofia da Religião*, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 171.

¹⁷⁴ Vd. Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 47ss.; *Idem.*, *História do Pensamento Cristão*, p. 262-263; Laurence Thomas, Autonomia da Pessoa: In: Monique Cantto-Sperber, org. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, São Leopoldo, RS.: Editora Unisinos, 2003, Vol. 1, especialmente, p. 142-143.

¹⁷⁵ I. Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XXV), 1974, p. 238.

¹⁷⁶ Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 48.

¹⁷⁷ Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 35.

mos, não quer fazê-lo.¹⁷⁸ “Na tradição, o Iluminismo vê uma força hostil que mantém vivas crenças e preconceitos que é sua obrigação destruir”.¹⁷⁹ Na realidade, prevalece a compreensão de que tradição e erro coincidem, mantendo o homem aprisionado em sua ignorância heteronômica.

O título de uma obra de Kant, escrita em 1793 – ainda que seja “simples abstração”¹⁸⁰ –, retrata bem este período: *A Religião Dentro dos Limites da Simples Razão*. Ela se tornou, conforme expressão de Braaten, o “manifesto religioso para o iluminismo”.¹⁸¹

No entanto, deve ser dito que o Iluminismo carrega em seu bojo o germe de sua própria destruição. O escocês David Hume (1711-1776), embalado nestes conceitos, aplicou o ceticismo à religião e à capacidade da mente humana poder conhecer o mundo externo; ele “empregava a razão até aos limites para mostrar as limitações da razão”.¹⁸² Lembremo-nos, de que foi justamente Hume quem despertou Kant do “sono dogmático” e que este, mesmo fazendo da razão o único guia seguro para se chegar à verdade, impunha à razão limites rigorosos a fim de não cair no precipício do naturalismo que exclui a idéia do absoluto: a razão é finita; ela não pode conceber sozinha o infinito.¹⁸³

Do Iluminismo confiante na razão, surge a crítica mais mordaz concernente à capacidade da razão. Todavia, é necessário que não nos iludamos; em Kant, a razão seria sempre o aferidor final e decisório. Num de seus escritos, enfatiza:

“Amigos da humanidade e do que há de mais santo para ela, aceitai também o que vos parecer mais digno de fé após um exame atento e sincero, quer se trate de fato, quer se trate de princípios racionais, mas não recuseis à razão o que a torna o bem mais alto sobre a terra: o privilégio de ser a última pedra de toque da

¹⁷⁸ “A rejeição da tradição é um elemento integral dessa demanda para o domínio, e para alcançar emancipação de qualquer forma de servidão intelectual ou social” (Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 28).

¹⁷⁹ Iluminismo: In: Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 510b. Tillich observa: “Para o iluminismo o passado se mantinha, até certo ponto, submerso em superstição” (Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 95).

¹⁸⁰ Ernst Cassirer observa que esta obra “transmite apenas a configuração ideal, a sombra de uma genuína e concreta vida religiosa” (Ernst Cassirer, *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977, p. 51).

¹⁸¹ Carl E. Braaten, Prolegômenos à Dogmática Cristã: In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson, eds., *Dogmática Cristã*, São Leopoldo, RS.: Sinodal, Vol. I, 1990, p. 59. Tillich diz que a obra de Kant poderia ser também chamada de “pequena teologia sistemática” (Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 81).

¹⁸² Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 48. Vd. também, C. Brown, Iluminismo: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, Vol. II, p. 308; Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 78,83.

¹⁸³ Cf. Nicola Abbagnano, *História da Filosofia*, Vol. VIII, §§ 531, 534, p. 129-131,144; P. Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, p. 78-79.

verdade".¹⁸⁴

De fato, a centralização do homem, a busca de sua essência como fim último de todas as coisas, não poderia nem pode gerar valores permanentes. Ainda hoje, curiosamente, somos muitas vezes levados a pensar no homem "como a medida de todas as coisas": como se a solução de todos os seus problemas estivesse simplesmente na capacidade de olhar para dentro de si. Ora, não estamos dizendo que a reflexão e a auto-análise não sejam relevantes, antes, o que estamos propondo, é que a essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si; é preciso uma dimensão verdadeiramente teológica para que possamos entender melhor o que somos. A genuína antropologia deve ser sempre e incondicionalmente teocêntrica! Toda afirmação teológica tem implicações antropológicas, quer explícitas, quer implícitas.¹⁸⁵

O homem moderno na sua pretensa auto-suficiência propõe-se a controlar todas as coisas; e, quando ele considera o seu mundo perfeitamente elaborado dentro dos moldes daquilo que ele chama de "ciência", já não há mais lugar para Deus; quando muito, este é retido em algum lugar sombrio da memória. Assim, Deus torna-se uma "hipótese desnecessária",¹⁸⁶ e até mesmo incômoda. O homem, esse desconhecido para si mesmo, arroga-se no direito e na possibilidade de descartar o Senhor da Glória, assumindo uma postura secular autônoma.¹⁸⁷ E como consequência disso, tornou-se escravo do seu próprio saber, tendo uma perspectiva equivocada da realidade, ficando encarcerado pelos próprios valores deste século, que ele consciente ou inconscientemente – mas não impunemente –, ajudou a formular. O homem tornou-se prisioneiro da sua própria concepção da realidade; o seu conceito o aprisiona, não o real.

Ao que parece com a Revolução Industrial, a ciência tornou-se cada vez mais "materialista", passando a estar preocupada com as necessidades aparentemente emergentes, distanciando-se da concepção de Deus, que soava para alguns como um estorvo no caminho do verdadeiro pensar...

A "moderna ciência moderna" seguindo esta linha de raciocínio, considerou Deus desnecessário; "Deus não pertence ao campo da explicação científica e portanto, na ciência como tal, essa hipótese não conta", conforme observou Richard-

¹⁸⁴ Kant, *Was heisst: Sich im denken orientieren?*, A 329 Apud Nicola Abbagnano, *História da Filosofia*, Vol. VIII, § 531, p. 131.

¹⁸⁵ Ver: J. Spykman, *Teología Reformacional: Un Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, Michigan: The Evangelical Literature League, 1994, p. 218-221.

¹⁸⁶ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, 2ª ed. Países Bajos: FELIRE, 1990, p. 42ss. "Sempre que a ciência, motivada por suas pressuposições, dê a solução definitiva e determinada, não terá lugar para Deus. Não há lugar para a oração, nem para a graça divina, nem para a bênção de Deus. Se uma sociedade planificada é cientificamente correta, já não necessita de Deus. Cada passo que se dá nessa direção, faz o mundo mais profano e o distancia ainda mais de Deus" (Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 43).

¹⁸⁷ Harold O.J. Brown, captou bem a polarização da mente moderna ao dizer que: "A mente secular do século XX vacila entre dois extremos, sendo que os dois resultam na rejeição do Criador e na negação da criação" (Harold O.J. Brown, *A Opção Conservadora*. In: Stanley Gundry, ed. *Teologia Contemporânea*, São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 367).

son.¹⁸⁸ O irônico disso tudo, como assinala Hendrik van Riessen (1911-2000), é que a "todo-poderosa" ciência que não tinha lugar para Deus, também não encontrou lugar para o próprio homem.¹⁸⁹ Bavinck (1854-1921) comenta: "...a filosofia, que depois de um período de decadência entra em período de fortalecimento, sempre cria uma expectativa extraordinária e exagerada. Nessas épocas ela vive a esperança de que através de uma séria investigação ela resolverá o enigma do mundo. Mas sempre depois dessa fervente expectativa chega a velha decepção. Em vez de diminuir, os problemas aumentam com os estudos. O que parece estar resolvido vem a ser um novo mistério, e o fim de todo o conhecimento é então novamente a triste e às vezes desesperadora confissão de que o homem caminha sobre a terra em meio a enigmas, e que a vida e o destino são um mistério".¹⁹⁰

Calvino (1509-1564), comentando o desejo humano por lisonjas, acrescenta que, quando o homem se detém em si mesmo, não prosseguindo em suas investigações, permanece absorto na sua ignorância.

"...Nada há que a natureza humana mais cobice que ser afagada de lisonjas. E, por isso, onde ouve seus predicados revestir-se de grande realce, para esse rumo propende com demasiada credulidade. Portanto, não é de admirar que, neste ponto, se haja transviado, de maneira profundamente danosa, a maioria esmagadora dos homens. Ora, uma vez que é ingênito a todos os mortais mais do que cego amor de si mesmos, de muito bom grado se persuadem de que nada neles existe que, com justiça, deva ser abominado. Destarte, mesmo sem influência de fora, por toda parte obtém crédito esta opinião de todo vã: que o homem é a si amplamente suficiente para viver bem e venturosamente (...). Daí, porque tem sido, destarte, acolhido com o grande aplauso de quase todos os séculos cada um que, com seu encômio, haja mui favoravelmente exaltado a excelência da natureza humana (...). Portanto, se alguém dá ouvidos a tais mestres que nos detêm em somente mirarmos nossas boas qualidades, não avançará no conhecimento de si próprio, ao contrário, precipitar-se-á na mais ruinosa ignorância".¹⁹¹

O Humanismo renascentista veio na esteira do pensamento grego cujos valores foram herdados pelo iluminismo e tem o seu clímax nos humanistas seculares mo-

¹⁸⁸ Alan Richardson, *La Biblia En La Edad de la Ciencia*, Buenos Aires: Editorial Paidós, (1975), p. 32.

¹⁸⁹ Vd. Hendrik van Riessen, *Enfoque Cristiano de la Ciencia*, p. 17. No século XX, homens da estatura de Martin Heidegger (1899-1976) e C.G. Jung (1875-1961), entre outros, atestam a ignorância contemporânea do que seja o homem. (Vd. Hermisten M. P. Costa, *Antropologia Teológica: Uma Visão Bíblica do Homem*, São Paulo: 1999, p. 5).

¹⁹⁰ Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 20.

¹⁹¹ J. Calvino, *As Institutas*, II.1.2. Ele contrapõe esta prática à real necessidade que temos de meditar na providência de Deus: "Por mais diligentemente uma pessoa se põe a meditar sobre as obras de Deus, ela só pode alcançar as superfícies ou as bordas delas. Embora sendo assim de tão grande altitude, muito acima de nosso alcance, devemos, não obstante, diligenciar-nos, o quanto nos for possível, por aproximar-nos dela mais e mais em contínuo progresso; ao vermos também a mão divina estendida para descortinar-nos, o quanto nos é oportuno, aquelas maravilhas que por nós mesmos somos incapazes de descobrir" [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, São Paulo: Paracletos, 1999, (SI 40.5), p. 223].

dermos.¹⁹² O trágico de tudo isso é que se a Idade Média foi pretensamente o tempo de Deus, o Renascimento foi o tempo do homem, o Iluminismo o tempo da razão, hoje, não temos mais referências, o homem já não é o centro de todas as coisas, visto que já não há mais centro.¹⁹³ Estamos “perdidos no espaço”. Sem absolutos não sabemos ao certo o valor do homem e o seu papel no universo. Sem princípios universais não existem absolutos; sem estes, tudo é possível.

O humanismo renascentista – do qual somos herdeiros – sem dúvida, tomou uma parte importante da realidade, todavia, em geral, esqueceu-se da principal e, o mais lastimável de tudo, é que o esquecido é Aquele Quem dá sentido a tudo o mais. O problema da existência é uma questão basicamente metafísica. Aliás, o homem é um ser metafísico. A negação prática dessa realidade acarreta uma percepção errada e tristemente limitante da natureza humana. Por isso, o homem “pós-moderno” dispõe diante de si de todas as saídas possíveis, porém, nenhuma delas conduz ao “fim” necessário. Os seus pressupostos descartam o único caminho real do significado da vida e do ser: O Deus transcendente e pessoal. O Deus que Se revela como tal conferindo sentido a todo o real e à nossa existência.

Aqui, no entanto, vai uma advertência de Kuyper (1837-1920) especialmente a nós, Reformados:

“Se nos consolamos com o pensamento de que podemos sem perigo deixar a ciência secular nas mãos de nossos oponentes, se somos bem-sucedidos apenas em salvar a Teologia, nossas táticas serão as do avestruz. É realmente insensato limitar-se à salvação de seu quarto superior, enquanto o resto da casa está em chamas”.¹⁹⁴

Considerações Pontuais: O Deus Soberano: O Principium Essendi de todo Conhecimento:

Enquanto que o conhecimento humano é limitado, só alcançando um conhecimento científico das coisas e suas relações através de um processo laborioso de pensamento dialético, o conhecimento que Deus tem, é imediato e completo; Ele conhece todas as coisas em suas relações e na sua essência: “Deus é a origem e a fonte de todo nosso conhecimento. Possui um conhecimento arquetípico de todas as coisas criadas, abarcando todas as idéias que estão expressas nas obras de sua

¹⁹² Cf. Gene Edward Veith, Jr., *Tempos Pós-Modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época*, São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 65. Veja-se exemplo disso em Erich Fromm, que sustenta que “o homem é capaz de saber o que é bom e de agir em conformidade, apoiado no vigor de suas potencialidades naturais e de sua razão”. Continua: “Seria insustentável se fosse verdadeiro o dogma da maldade natural nata do homem” [Erich Fromm, *Análise do Homem*, São Paulo: Círculo do Livro, (s.d.), p. 182].

¹⁹³ Cf. Gene Edward Veith, Jr., *Tempos Pós-Modernos*, p. 68.

¹⁹⁴ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 145.

criação”.¹⁹⁵

Deus como fonte de todo conhecimento tem, naturalmente, a consciência total da perfeição e amplitude do Seu conhecimento. Ele Se conhece perfeitamente, tendo ciência de toda a Sua perfeição: “Em si mesmo Ele é sujeito e objeto de todo conhecimento”.¹⁹⁶ Somente Deus possui um conhecimento perfeito, arquetípo de si mesmo. Qualquer tipo de conhecimento parte de Deus, que é a sua fonte inesgotável; portanto, podemos concluir daí algumas coisas: 1) Deus é o princípio essendi de todo conhecimento, inclusive o científico; logo, 2) Toda verdade é proveniente de Deus,¹⁹⁷ porque “todas as coisas procedem de Deus”;¹⁹⁸ portanto, não pode haver contradição entre os diversos ramos do conhecimento legítimo, pois não há contradição em Deus; 3) A ciência e a fé não se contradizem;¹⁹⁹ o mesmo doador da fé (Ef 2.8) é o criador das verdades científicas; logo quando ambas parecem contraditórias

¹⁹⁵ L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 96.

¹⁹⁶ H. Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, 3ª ed. Grand Rapids, Michigan: Reformed Free Publishing Association, 1976, p. 15. Barth acentua: “A revelação é um círculo fechado onde Deus é o sujeito, o objeto e o termo médio” (Karl Barth, *La Proclamación del Evangelio*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 19). Ver também: Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 155, 185s.

¹⁹⁷ Esta compreensão esteve sempre presente no pensamento teológico da Igreja; cito alguns exemplos: Justino Mártir (c. 100-165): “... Tudo o que de bom foi dito por eles (filósofos), pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável” (Justino, *Segunda Apologia*, São Paulo: Paulus, 1995, XIII.4. p. 104); Agostinho (354-430): “Todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a Verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor. Essa verdade, uma vez reconhecida e professada, o fará rejeitar as ficções supersticiosas que se encontram até nos Livros sagrados” (Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, II.19. p. 122). “A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus” [Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, II.33. p. 140-141]. “Todo bem procede de Deus. Não há, de fato, realidade alguma que não proceda de Deus” (Santo Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, São Paulo: Paulus, 1995, II.3.20.54. p. 143) (Ver também: Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, II.41. p. 149-151 e II.43. p. 153-154); Calvino (1509-1564): “Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus” (Calvino, *As Institutas*, II.2.15); “... visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usada dessa forma?” [Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.12), p. 318]; Strong (1835-1921): “A Ciência e a Escritura lançam luz uma sobre a outra. O mesmo Espírito divino que deu revelação a ambas está ainda presente, capacitando o crente a interpretar uma pela outra e então progressivamente chegar ao conhecimento da verdade” (A.H. Strong, *Systematic Theology*, 35ª ed. Valley Forge, PA.: The Judson Press, 1993, p. 27); A.A. Hodge (1823-1886): “Toda verdade é um só todo” (A.A. Hodge, *Esboços de Teologia*, p. 7). Ver também a citação nesta mesma direção de alguns puritanos em Leland Ryken, *Santos no Mundo*, São José dos Campos, SP.: FIEL, 1992, p. 177-179.

¹⁹⁸ João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.12), p. 318. “... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas” (J. Calvino, *As Institutas*, II.2.16).

¹⁹⁹ Tomás de Aquino, com acuidade, comentou: “Já que a palavra de Deus ultrapassa o entendimento, alguns acreditam que ela esteja em contradição com ele. Isto não pode ocorrer” [Tomás de Aquino, *Súmula Contra os Gentios*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. VIII), 1973, VII, p. 70]. Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Teologia*, p. 7; Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 137-138.

rias, é porque ou há uma compreensão errada da fé ou, a ciência não é ciência; está laborando em erro. Por isso é preciso que haja humildade de ambas as partes: do teólogo na interpretação da Palavra de Deus, sempre em submissão ao Espírito de Deus,²⁰⁰ sem cair num dogmatismo ingênuo nem num relativismo dogmático, que corre sempre atrás dos modismos científicos e filosóficos para adaptar a Teologia.²⁰¹ É preciso que nós teólogos entendamos que trabalhar com a teologia não significa dizer sempre coisas novas;²⁰² embora reconheçamos “as situações novas que ameçam a salvação dos homens”²⁰³ para as quais devemos buscar na Palavra a resposta. Por outro lado, precisamos entender, que a Palavra de Deus é mais rica do que qualquer dogma; portanto, o nosso sistema doutrinário, por melhor que seja – e eu estou convencido de que é –, não pode ser mais rico do que a Palavra de Deus, como bem observou Berkouwer (1903-1996): “Porventura a Escritura não é mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico, por mais excelente e atento ao Verbo divino que este possa ser?”²⁰⁴ Por isso, o critério último de análise, será sempre “O Espírito Santo falando na Escritura”.²⁰⁵

²⁰⁰ “Não devemos supor que temos toda a verdade e que não estamos enganados em nada” (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 71). “Insistir que a Palavra de Deus é absoluta não é insistir que todo o conhecimento seja absoluto” [John Edward Veith, Jr, *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 65].

²⁰¹ Em 1921 Machen (1881-1937) propunha-se a mostrar “que a tentativa liberal de reconciliar o cristianismo com a ciência moderna tem realmente abdicado de tudo o que é peculiar ao cristianismo e, assim, o que permanece é, em essência, apenas aquele mesmo tipo indefinido de aspiração religiosa que havia no mundo antes do cristianismo entrar em cena”. Acrescenta de forma gravemente contundente: “Ao tentar remover do cristianismo tudo o que possivelmente poderia ser objetado em nome da ciência, ao tentar subornar o inimigo através das concessões que este mais deseja, o apologista realmente abandona o que começou a defender” (J.G. Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Editora os Puritanos, 2001, p. 18-19). “A teologia tem a tendência de ajustar-se a modas, como a filosofia” (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, p. 70).

²⁰² Cf. G. C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, São Paulo: ASTE., 1964, p. 71. “O Espírito sempre diz a mesma coisa a todo aquele a quem Ele fala, e absolutamente sem atentar para as ênfases doutrinárias ou as modas teológicas que passam. Ele faz cintilar a beleza de Cristo no coração surpreso, e o reverente espírito a recebe com um mínimo de interferência” (A.W. Tozer, *O Poder de Deus*, p. 70).

²⁰³ G. C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, p. 72.

²⁰⁴ G.C. Berkouwer, *A Pessoa de Cristo*, p. 72. Dentro desta mesma linha de pensamento, escreveu Kuiper: “... Todos juntos, os credos do cristianismo, de nenhuma maneira se aproximam de esgotar a verdade da Sagrada Escritura” (R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1985, p. 99). Com grande satisfação li a declaração de Packer: “A tradição nos permite ficar sobre os ombros de muitos gigantes que pensaram sobre a Bíblia antes de nós. Podemos concluir pelo consenso do maior e mais amplo corpo de pensadores cristãos, desde os primeiros Pais até o presente, como recurso valioso para compreender a Bíblia com responsabilidade. Contudo, tais interpretações (tradições) jamais serão finais; precisam sempre ser submetidas às Escrituras para mais revisão” (J.I. Packer, *O Conforto do Conservadorismo*: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 235).

²⁰⁵ *Confissão de Westminster*, I.10. Timothy George observa que, “Os reformadores eram grandes exegetas das Escrituras Sagradas. Suas obras teológicas mais incisivas encontram-se em seus sermões e comentários bíblicos. Eles estavam convencidos de que a proclamação da igreja cristã não poderia originar-se da filosofia ou de qualquer cosmovisão auto-elaborada. Não poderia ser nada menos que uma interpretação das Escrituras. Nenhuma outra proclamação possui direito ou esperança na igreja. Uma teologia que se baseia na doutrina reformada das Escrituras Sagradas não tem nada a temer com as descobertas precisas dos estudos bíblicos modernos” (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 313).

O mundo do conhecimento pertence a Deus pois, Ele é o Seu autor e revelador; logo, todo e qualquer conhecimento científico que o homem tenha é parte do conhecimento de Deus expresso na Sua criação; desta forma, podemos dizer, que não existe conhecimento fora de Deus. Quando, então nos referimos ao conhecimento que podemos ter do próprio Deus, do Seu caráter e majestade, temos de reafirmar a verdade bíblica, de que este conhecimento provém do próprio Deus. “Somente quando há fé na conexão orgânica do Universo, haverá também a possibilidade para a ciência subir da investigação empírica dos fenômenos especiais para o geral, e do geral para a lei que governa acima dele, e desta lei para o princípio que domina sobre tudo”.²⁰⁶

Jesus Cristo declara: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). A Pedro, que confessara ser Jesus o Filho de Deus, exclama o Senhor Jesus: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus” (Mt 16.17).

Deus é o Autor e o conteúdo do conhecimento. Sem Deus não há conhecimento; sem a Sua revelação livre e soberana, o conteúdo do conhecimento permaneceria oculto a nós; e é justamente o que acontece conosco em relação as coisas não reveladas; permanecem ignoradas por nós, até que Deus mesmo nos dê a conhecer de acordo com a Sua vontade (Dt 29.29; At 1.7; 1Co 2.6-16).

Acreditamos na coerência de toda a realidade, considerando inclusive o pecado humano conforme registrado nas Escrituras; por isso, a ciência genuína nunca nos afastará de Deus, antes ela só encontrará o seu sentido pleno nAquele que é o Seu Senhor e para onde todo o real converge e encontra o seu verdadeiro significado. Aliás, como bem acentuou Bavinck (1854-1921): “Qualquer ciência, filosofia ou conhecimento que suponha poder firmar-se em suas próprias pressuposições, deixando Deus de fora de suas considerações, transforma-se em seu próprio opositor e desilude a todos que constróem suas expectativas nisto”.²⁰⁷

Portanto, nós não temos medo dos fatos, porque sabemos que os fatos são de Deus; nem temos medo de pensar porque sabemos que toda verdade é verdade de Deus e, a razão corretamente conduzida e o exercício da genuína ciência, não oferecem perigo à fé, antes, são suas aliadas.²⁰⁸ Contudo, devemos estar atentos ao fato de que as Escrituras não se propõem a fazer ciência; o próprio Calvino (1509-1564) destacou isso quando comentando, Gênesis 1.14, disse: “É necessário lembrar, que Moisés não fala com agudez filosófica sobre os mistérios ocultos, porém relata aquelas coisas que em toda parte observou, e que igualmente são comuns aos homens simples”.²⁰⁹ Ou seja, Moisés, inspirado por Deus, escreveu do ponto de

²⁰⁶ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 123.

²⁰⁷ Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, p. 20.

²⁰⁸ Vd. J.I. Packer, *“Fundamentalism” and the Word of God*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1988 (Reprinted), p. 34.

²⁰⁹ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan:

vista fenomenológico, sem a preocupação – já que este não era o seu objetivo –, de registrar com terminologia científica os fatos.²¹⁰ Acrescentaríamos: Na hipótese de Moisés ter escrito conforme os padrões científicos de sua época – o que de fato não fez, sendo isso extremamente impressionante se considerarmos que ele teve uma formação primorosa dentro dos moldes egípcios e conseguiu romper com ela –, certamente o que dissesse seria ridicularizado hoje por ser considerado fruto de uma concepção pré-científica. Por outro lado, se redigisse o relato da Criação de forma científica absoluta, que certamente não era a dos egípcios e, também, não é a nossa, pergunto: entenderíamos hoje o que ele teria dito? A resposta é não; as Escrituras continuariam sendo ridicularizadas, nesse caso, simplesmente pela nossa ignorância científica. A linguagem descritiva dos fatos conforme se apresentam à nossa percepção, é o melhor modo de tornar algo compreensível a todas as épocas; assim, Deus Se designou fazer e O fez.²¹¹

Charles Hodge (1797-1878), um dos grandes teólogos Reformados norte-americanos do século XIX, escreveu:

"Ele [Deus] não ensinou astronomia ou química aos homens, porém Ele deu-lhes os fatos externos sobre os quais aquelas ciências são construídas. Tampouco ensinou-nos teologia sistemática, porém Ele deu-nos na Bíblia as verdades que, propriamente compreendidas e organizadas, constituem a ciência da Teolo-

Baker Book House, 1981 (Reprinted), Vol. I, (Gn 1.14), p. 84. Do mesmo modo, ver Gn 1.15, p. 85-86; John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin's Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (Sl 136.7), p. 184-185. Curiosamente Tomás de Aquino (1225-1274) havia usado argumento semelhante ainda que com propósitos diferentes, referindo-se aos leitores de Moisés como "ignorantes", daí a sua condescendência. Após tratar de Gn 1.6, acrescenta: "Deveríamos antes considerar que Moisés estava a falar para gente ignorante, e que condescendendo à sua fraqueza só lhes apresentou coisas tais que fossem aparentes aos sentidos. Ora, mesmo os menos instruídos podem perceber pelos seus sentidos que a Terra e a água são corpóreos, embora não seja evidente para todos que o ar também é corpóreo (...) Moisés, então, embora mencionasse expressamente a água e o ar, não faz qualquer menção explícita do ar pelo nome, para evitar apresentar a pessoas ignorantes algo que estava para além do seu conhecimento." (Thomas Aquina, "Summa Theologica," *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000), Vol. 1, Primeira Parte, Questão 68, Argumento 3, p. 819. Ver no mesmo volume: Questão 61, p. 724 e Questão 66, p. 791-792 (Ver também: Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Vol VIII, p. 680).

²¹⁰ ".... Teria sido perda de tempo para Davi haver ensinado os segredos da astronomia ao rude e iletrado; e, portanto, ele reputou por suficiente falar num estilo familiar, para que pudesse acusar o mundo inteiro de ingratidão caso, ante a visão do sol, não aprendesse o temor e o conhecimento de Deus. (...) Ele não discorre aqui em termos científicos (como entre os filósofos se diz que ele o fez) concernente à completa evolução que o sol executa; mas, acomodando-se aos rudes e mais obtusos, ele se limita às aparências ordinárias que se apresentam aos olhos....". [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 19.4-6), p. 420-421]. Do mesmo modo, ver: Psalms

²¹¹ Strong, de forma irônica, pergunta a respeito da descrição do texto de Gn 24.63: "Seria preferível, no Antigo Testamento, se o texto dissesse: 'Quando a revolução da terra sobre o seu eixo fez com que os raios do luminário solar impingissem horizontalmente sobre a retina, Isaque saiu para meditar?'" (August H. Strong, *Systematic Theology*, p. 223) Vejam-se, também: John H. Gerstner, *A Doutrina da Igreja Sobre a Inspiração Bíblica*: In: James M. Boice, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, São Paulo: Vida Nova 1982, p. 26-27; R.C. Sproul, *Razão Para Crer*, São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 15-25.

gia".²¹²

Dentro da perspectiva de Calvino, por exemplo, a ciência dirigida pela fé, nos aproximaria de Deus, concedendo-nos uma compreensão mais adequada Dele.²¹³

Nesta altura, parece-nos oportuno relembrar o comentário de Lloyd-Jones (1899-1981), quando observa que Jesus Cristo viveu séculos depois de um período de exuberância intelectual, marcado pelos maiores luminares do pensamento grego – Sócrates, Platão e Aristóteles –, no entanto, diante de um auditório de formação modesta e em geral de recursos débeis, Jesus diz: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5.14).²¹⁴ Na realidade, e isto é extremamente estimulante, a Igreja como povo de Deus é desafiada em sua própria existência e testemunho a ser o sal da terra e luz do mundo; e isso ela faz, não pelo acúmulo de conhecimento – que sem dúvida através da história tem revelado de modo indelével a “graça comum” de Deus –, mas no discernimento dado por Deus para agir no mundo, com a sabedoria do alto, aquela que dá sentido e utilidade eficaz ao conhecimento. O poder da igreja não está em sua grandeza numérica,²¹⁵ riqueza ou capacidade de influenciar intelectualmente, antes, na vida daqueles que lhe pertencem. Ou, como diz Phil Johnson: “A verdadeira influência da igreja vem do poder do Evangelho e do testemunho de vidas transformadas”.²¹⁶

Sem a sabedoria concedida por Deus, o conhecimento humano torna-se motivo de pretensão frívola ou um fardo que nos permite ver melhor aspectos da realidade sem, contudo, ter a solução definitiva. O iluminismo sobre muitos aspectos trouxe não a luz mas as trevas. Ele propôs uma autonomia que jamais poderia ser alcançada, visto que a genuína “autonomia” exige a coragem da “teonomia”, a submissão aos princípios de Deus expressos em Sua Palavra.

Portanto, a esperança para o mundo em última instância, não está na ciência, mas nos homens fiéis a Deus, que usam dos recursos fornecidos por Deus para a

²¹² Charles Hodge, *Systematic Theology*, Grand Rapids, Michigan: Wm. Eerdmans Publishing Co. 1986, Vol. I, p. 3. Do mesmo modo Calvino escrevera: “O Espírito Santo não teve intenção de ensinar astronomia; e, com o propósito de instruir procurou ser comum às pessoas mais simples e iletradas. Ele fez uso de Moisés e de outros Profetas que empregaram uma linguagem popular, de tal modo que ninguém poderia se abrigar sob o pretexto de obscuridade, como nós às vezes vemos muito prontamente homens fingindo uma incapacidade para entender, quando qualquer coisa profunda ou misteriosa é submetida à sua consideração.” [John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House (Calvin’s Commentaries, Vol. VI/4), 1996 (Reprinted), (SI 136.7), p. 184-185].

²¹³ Ver: João Calvino, *As Institutas*, I.5.2. Ver também: André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 571-573.

²¹⁴ D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo: FIEL., 1984, p. 151. *Inter alia* Abraham Kuyper, *Calvinismo*, p. 18.

²¹⁵ “O que necessitamos não é uma grande Igreja, é uma Igreja pura; é uma Igreja santa, uma Igreja verdadeiramente cristã” [D.M. Lloyd-Jones, *Crescendo no Espírito*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2006 (Certeza Espiritual: Vol. 4), p. 167].

²¹⁶ Phil Johnson, *Assim Brilhe a Vossa Luz: Examinando a Abordagem Cristã sobre a Política*: In: John F. MacArthur Jr., *Ouro de Tolo?: Discernindo a Verdade em uma Época de Erro*, São José dos Campos, SP.: Editora Fiel, 2006, p. 159.

Sua Glória. Deste modo, a Igreja como luz do mundo e sal da terra, se constitui numa bênção inestimável para toda a humanidade. Esta verdade precisa ser proclamada quer pela palavra quer, principalmente pela nossa perspectiva do mundo que se materialize em nossas ações.

Maringá, 24 de dezembro de 2009.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa